

ANA DANDARA DA SILVEIRA CARVALHO

**SENTIMENTOS E REPRESENTAÇÕES DA
SEXUALIDADE EM PROFESSORES DOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Orientadora: Isaura Pedro

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais ,Educação e Administração
Instituto de Educação**

Lisboa

2016

ANA DANDARA DA SILVEIRA CARVALHO

**SENTIMENTOS E REPRESENTAÇÕES DA
SEXUALIDADE EM PROFESSORES DOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação defendida em provas públicas para
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação
Conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias sob o Despacho Reitoral nº 145/2016
com a seguinte composição de Júri:

Presidente:

Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa

Arguente:

Professora Doutora Ana Carita

Orientadora:

Professora Doutora Isaura Pedro

Co-orientadora:

Professora Doutora Gislene Farias de Oliveira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais ,Educação e Administração
Instituto de Educação**

Lisboa

2016

DEDICATÓRIA

A Deus por nos permitir concluir esta jornada;

A Maria Inêz e Edilberto com quem experimentei o amor fraterno e a esperança: por isso, teimo! Meus pais: meu melhor exemplo;

Aos que me alimentam com meus sonhos: Edilberto Jr. – meu irmão, Vovó Franceizinha, Titia Cida, Kamila, familiares e amigos;

A quem sabe de mim, de si, de nós: Romário – meu amor.

Os outros: o meu melhor de mim sou eles. ”

(Manoel de Barros)

AGRADECIMENTOS

Eu venho de longe! Eu sou do Sertão. Sou a junção da minha gente. Sou a soma dos meus pais: um agricultor educado e uma professora dedicada. Sou as batalhas diárias vividas com meu irmão e com outras pessoas que se incorporaram na feitura do meu viver. Não há palavras suficientes que possam expressar o sentimento de gratidão a cada uma das pessoas que contribuíram em distintas intensidades na realização de um sonho: este trabalho.

Agradeço primeiro aquele para quem mais chorei, me amparou e fez o milagre acontecer: Deus e Maria Santíssima por sempre me guiar e jamais me desampararem nesses anos de estudo e concluí-lo com êxito.

Aos meus pais: Edilberto Carvalho e Maria Inêz Carvalho que me ensinaram que os estudos abririam as portas do meu mundo, e estão se abrindo!

A Edilberto Jr. – meu irmão. Com você pude compartilhar a educação que nossos pais nos deram e experimentar as disciplinas impostas em casa, na rua, na escola.

A minha família como um todo, que são para mim exemplo de união e amor incondicional, em especial tia Aparecida e Vovó Franceizinha, que sempre rogam por mim nas suas orações.

Tenho amigas parceiras e cúmplices de vida, que me ensinam a me sentir viva. Fazem-me gargalhar, sonhar e persistir, sempre que preciso me dão ombro, a mão, o colo, a “bronca”, me ajudam no caminho do bem, do certo, do que Deus quer para a gente. Por acreditarem e me empurrarem sempre para frente, são presenças marcantes e luminosas em minha vida: minha amiga e irmã de alma, da qual me incentivou a fazer o Mestrado Nadja Silva. A minha grande amiga e sua família, Stefany Alencar, que me acolher quando precisei. As minhas colegas do curso Maria da Graça, Sylvania, Luzinete e Rubia, pelo enfrentamento das viagens, pelos conselhos,

pelas orações, por termos dado as mãos umas às outras e não termos nos permitido migrar por caminhos mais fáceis e não dignos de tantos esforços, por desbravarmos unidas à viagem a Portugal, e por esse laço de carinho e cuidados umas com as outras que o Mestrado nos proporcionou.

A meu amor – Romário, que mesmo não estando no início dessa labuta, me apoiou e me ajudou termina-la, obrigada pelo companheirismo nos dias e noites de estudo.

Aos demais colegas de turma, pelo apoio constante e pelo clima positivo proporcionado, agregador e elemento motivador para continuarmos sempre.

Aos professores do Curso de Mestrado, pela competência como conduziram sua parte e pela paciência para com os alunos.

Aos professores que aceitaram participar deste estudo, meu agradecimento especial.

A Prof^a. Doutora Gislene Farias de Oliveira, pela disponibilidade, ensinamentos, sugestões e suporte acadêmico necessário para realização da pesquisa. Sua orientação tem importância renovada em minha vida.

A Prof^a. Doutora Isaura Pedro, pela sua disponibilidade, conselhos e sugestões na realização do trabalho.

A Ladislau e Alba Célia, pelo incentivo, atenção, pronto atendimento e acolhimento especial.

A Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – ULHT, pela hospitalidade.

A Secretaria de Educação de Simões-PI, a Escola Municipal São Luis e o Complexo Escolar Modelo, pela compreensão para com minha ausência e por “segurarem as pontas” para mim.

A todos que contribuíram meu muito obrigada.

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino”.

Paulo Freire

RESUMO

Os estudos da sexualidade envolvem o conhecimento sobre o crescimento global do indivíduo. A maioria dos pais ainda consideram constrangedor conversar sobre sexo com os jovens. Cabe aos professores a grande responsabilidade de abordar o tema na escola, pois diversas questões ligadas à sexualidade, parecem ser ainda um tabu. Assim, colocamos como objetivos: Identificar os sentimentos e as Representações de sexualidade, em professores dos anos finais do Ensino Fundamental nas escolas públicas de Simões-PI; conhecer os recursos adotados pelos professores para trabalharem a temática da sexualidade, bem como suas propostas para lidarem com o tema, em sala de aula. Do ponto de vista metodológico, optamos por um estudo descritivo, quali-quantitativo, realizado em Simões, estado do Piauí com 79 professores dos anos finais do Ensino Fundamental de oito escolas. Os dados foram coletados em novembro de 2014, através de questionário. A amostra contou com professores do sexo masculino e feminino, com idades variando entre 19 a 63 anos de idade. Na sua maioria com escolaridade superior completa, com mais de 10 anos de docência. As representações sociais dos professores, demonstraram sentimentos positivos e negativos, abordaram a necessidade de mais recursos para trabalharem a temática sexualidade, como também deixou explícito a curiosidade e a timidez dos alunos quando discutem sobre sexualidade. Em conclusão, a pesquisa nos possibilitou perceber que, se tornou necessária a orientação, não apenas dos alunos, mas dos pais e dos professores, evidenciando-se a importância do preparo para lidarem adequadamente com tais questões no cotidiano. Neste processo, a Escola pode ser a saída para ajudar familiares, professores e alunos na compreensão dos pressupostos da educação sexual.

Palavras-chave: sexualidade, representações sociais, educação, professor.

ABSTRACT

The studies of sexuality involves knowledge about the global growth of the individual. Most parents still consider embarrassing to talk about sex with young people. It is up to teachers a great responsibility to address the issue at school, because a number of questions related to sexuality, still seem to be taboo. So, we put the following objectives: Identify the feelings and sexuality representations, teachers in the final years of primary education in public schools Simões-PI; know the resources adopted by teachers to work the theme of sexuality, as well as its proposals for dealing with the subject in the classroom. From a methodological point of view, we opted for a descriptive, qualitative and quantitative, held in Simões, Piauí state with 79 teachers from the final years of elementary school eight schools. The data were collected in November 2014, through a questionnaire. The sample consisted of male and female teachers, aged between 19-63 years old. Mostly with a university education, with over 10 years of teaching. The social representations of teachers showed positive and negative feelings, addressed the need for more resources to work the theme sexuality, as curiosity and timidity of students when discussing about sexuality also made explicit. In conclusion, the research has enabled us to realize that if the orientation has required not only the students, but parents and teachers, highlighting the importance of preparation to properly deal with such issues in daily life. In this process, the school can be output to help family members, teachers and students in understanding the assumptions of sex education.

Keywords: sexuality, social representation, education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AIDS – *Acquired Immunodeficiency Syndrome*
- APA – Área de Proteção Ambiental
- CNS – Conselho Nacional de Saúde
- DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais.
- DST – Doença Sexualmente Transmissível
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- HIV - *Human Immunodeficiency Virus*
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
- MEC – Ministério da Educação
- PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PI - Piauí
- PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.
- PSE – Programa de Saúde na Escola.
- PPP – Projeto Político Pedagógico.
- SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- SPSS/WIN - *Statistical Package for the Social Sciences for Windows*
- UAB – Universidade Aberta do Brasil
- UESPI- Universidade Estadual do Piauí.
- UFPI – Universidade Federal do Piauí.
- ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO | 20 |
| 1.1 Sexualidade: Conceitos e abordagens..... | 21 |
| 1.1.1 Sexualidade: Concepções históricas, sociológicas e psicológicas..... | 23 |
| 1.2. Representações sociais e sexualidade: conceitos e contribuições..... | 30 |
| 1.3 Educação Sexual como Educação para a Saúde e o papel da escola nesse processo..... | 37 |
| 1.3.1 A Educação sexual nas orientações curriculares e as políticas educativas no Brasil..... | 46 |
| CAPÍTULO II - PROBLEMÁTICA/OBJETIVOS | 52 |
| 2.1 Problema da pesquisa | 53 |
| 2.2 Objetivo geral | 54 |
| 2.3 Objetivo específico | 54 |
| CAPÍTULO III – MÉTODO | 56 |
| 3.1 Tipo de pesquisa | 57 |
| 3.2 Locus da pesquisa | 57 |
| 3.3 Contextualizando a população do estudo | 62 |
| 3.4 Sujeitos da pesquisa | 63 |
| 3.4.1 Perfil dos professores | 63 |
| 3.5 Instrumentos da pesquisa | 68 |
| 3.5.1 Questionário | 68 |
| 3.6 Procedimentos da pesquisa | 69 |
| 3.7 Análise dos dados | 69 |
| 3.8 Questões éticas | 70 |
| CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO | 71 |
| 4.1 Sentimentos dos educadores ao lidarem com a temática da sexualidade. | 72 |
| 4.2 Representações sociais da sexualidade | 75 |

| | |
|---|------------|
| 4.3 Recursos adotados para trabalhar com a temática da sexualidade | 78 |
| 4.4 Propostas dos educadores para lidarem com a temática da sexualidade | 78 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 86 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 91 |
| ANEXOS | i |
| ANEXO I – Carta de Apresentação a Escola | ii |
| ANEXO II – Questionário (para Professores) | iii |
| ANEXO III – Termo de Consentimento Institucional | iv |
| ANEXO IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | v |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Escolas Participantes do Estudo. Simões, PI 2015 | 61 |
| Tabela 2 – Distribuição do sexo dos sujeitos da pesquisa..... | 64 |
| Tabela 3 – Distribuição das idades, por classe, dos sujeitos da pesquisa..... | 64 |
| Tabela 4 – Distribuição do Estado Civil dos sujeitos da pesquisa..... | 65 |
| Tabela 5 – Distribuição da Religião dos sujeitos da pesquisa..... | 66 |
| Tabela 6 – Distribuição da Escolaridade dos sujeitos da pesquisa..... | 66 |
| Tabela 7 – Distribuição do Tempo de docência dos sujeitos da pesquisa | 67 |
| Tabela 8 – Distribuição do número de horas trabalhadas pelos sujeitos da pesquisa. | 67 |
| Tabela 9 – Distribuição dos Professores sobre se gostam de atuar no Ensino..... | 68 |
| Tabela 10 – Distribuição dos Sentimentos dos professores o lidarem em sala de aula com tema sexualidade | 72 |
| Tabela 11 – Resumo dos resultados da associação livre de palavras obtidas das evocações dos professores da amostra. Simões – PI..... | 75 |
| Tabela 12 – Distribuição das Categoria e Subcategorias das Representações Sociais de Sexualidade pelos docentes da amostra..... | 75 |
| Tabela 13 – Distribuição dos Recursos adotados pelos professores para trabalhar o tem de sexualidade nas escolas públicas..... | 79 |
| Tabela 14 – Distribuição das estratégias propostas dos educadores para lidarem com a temática da sexualidade no espaço escolar. Simões | 81 |
| Tabela 15 – Distribuição de como se manifestam os alunos quando é trabalhado o tema sexualidade na sala de aula..... | 84 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 –Distribuição das Idades dos sujeitos por classes | 65 |
| Gráfico 2 – Distribuição das respostas dos professores, sobre se estão preparados para trabalharem a temática sexualidade com alunos do Ensino Fundamental II | 83 |

INTRODUÇÃO

A sexualidade faz parte da nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. O sexo não é uma fatalidade, ele é uma possibilidade de acender a uma vida criativa. É portanto, uma construção social que engloba o conjunto dos efeitos que ocorrem nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais.

A sexualidade é uma dimensão da vida humana demasiado importante para que se deixe ao sabor do acaso ou da crença de tudo o que lhe diz respeito. Seu aprendizado acontece de forma intuitiva. Mesmo assim, os professores possuem uma pesada responsabilidade à qual não se podem furtar: têm de refletir, de se preparar para criarem as condições necessárias a que as crianças cresçam em toda a sua plenitude, de forma a encarem de uma maneira sã tudo aquilo que disser respeito ao sexo. De maneira que possam lidar bem consigo próprias, e dessa forma, criarem critérios e valores que lhes permitam viver uma vida com qualidade.

A Escola expõe e concretiza formas diferentes de relações que firmam com os acontecimentos existentes no mundo, somando regras e pessoas. Por estas relações as pessoas que fazem parte do meio escolar são frutos de acontecimentos constitutivos das experiências pessoais. E é no momento das experiências que o sujeito produz discursos passando a causar dúvidas, necessidade de descobertas sobre o corpo.

A presente pesquisa coaduna com a 2ª (segunda) linha de investigação científica da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa: Educação e Desenvolvimento Humano: Escola, Cidadania e Mundo de Trabalho.

Assim, esta pesquisa objetiva compreender como a Sexualidade vem sendo desenvolvida e abordada na sala de aula nos anos finais do ensino fundamental nas escolas públicas municipais pesquisadas de Simões-PI, tendo como ponto de partida: identificar os sentimentos dos professores diante da temática sexualidade; Conhecer as Representações sociais dos professores sobre sexualidade; Conhecer os recursos adotados pelos professores da amostra para lidarem com a temática sexualidade e Conhecer suas propostas para a melhor lidar com esse tema no cotidiano da sala de aula.

Existe um número considerável de trabalhos voltados para o tema, aos quais citaremos ao longo do trabalho, Brêtas e Silva (2004), Calado (2011), Moizés e Bueno (2007), Moskovics e Calvetti (2008), Santos (2001), Silva (2010), Silva e Carvalho (2005), Tonato e Sapiro (2002) e a Lei de Diretrizes de Bases - LDB, todos que de alguma forma possuem o intuito de subscrever aos professores a abordagem da Sexualidade, seus aspectos, sua construção histórica e cultural. É importante salientar que o adolescente, o estudante do Ensino Fundamental II, inicia uma série de mudanças físicas e psicológicas, sendo poucas as

instituições de ensino que enfocam suas práticas pedagógicas no tema, levando em conta que em grande maioria resume-se no trato da Sexualidade com palestras, realizadas por profissionais da saúde como médicos, enfermeiros, psicólogos, entre outros, como se assim fosse o suficiente para desvendar toda a curiosidade do aluno, aprimorar seus conhecimentos sobre o assunto e instruir como cidadãos a forma mais eficaz e consciente de tratarem a Sexualidade (Moskovics & Calvetti, 2008).

Conforme Brêtas e Silva (2005) afirmam, a Sexualidade parte desde o conhecimento e descoberta do corpo físico, não estando voltada apenas para a relação sexual entre homem e mulher, mas também como uma forma de cuidar da saúde, de respeitar todos os indivíduos cada qual com sua sexualidade, e por fim entender que a Sexualidade é também cultural e histórica.

Segundo Santos (2001), estudos científicos realizados nessa área demonstram que o trabalho da sexualidade, ao contrário do que se propaga, não estimula a atividade sexual, o que pode passar pela cabeça de muita gente, não antecipa a idade do primeiro contato sexual, nem tão pouco aumenta a incidência de gravidez ou aborto entre os adolescentes. E sim, os adolescentes que forem orientados sexualmente na escola, tornam-se mais responsáveis e conscientes.

O estudo da Sexualidade, principalmente nos dias atuais, tem sido ainda mais importante, com o aumento da gravidez precoce, do abuso sexual, da disseminação das DSTs, da discriminação quanto a orientação sexual e tantos outros transtornos que atingem a sociedade, e que está diretamente vinculada a vida sexual do indivíduo, principalmente aos adolescentes, por estarem numa transição de fase pessoal da vida humana, e ao qual devem ser preparados para o exercício pleno da cidadania.

A realidade é que a Educação Sexual nas escolas públicas brasileiras, não tem a atenção que deveriam pelas políticas públicas e educacionais, até mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem como um tema transversal, ainda assim as escolas se esquivam para abordar o tema nas suas salas de aula, e diante a falta de formação dos professores que tratam o assunto de forma incômoda e complexa. Ainda, quando uma ou outra escola aborda o assunto em sala de aula, é destinada a disciplina de Ciências, tratando o tema de forma teórica e extremamente resumida, o que é visto geralmente nas turmas do 8º ano (antiga 7ª série), que estuda os sistemas do corpo humano, incluindo a sexualidade quando se aborda o sistema reprodutor. Fundamentando nessa preocupação, esta pesquisa é voltada para conhecer de perto o trabalho pedagógico e a sexualidade, o que de fato anda

acontecendo nos anos finais do ensino fundamental.

O presente estudo se estrutura em capítulos, a saber: o capítulo I discorre sobre o Referencial Teórico do estudo, trazendo assuntos como: Conceitos e abordagens sobre a Sexualidade, Representações sociais, a Educação sexual como a educação para saúde e, a educação sexual nas orientações curriculares e políticas no Brasil. O Capítulo II apresenta a Problemática e Objetivos do estudo. O Capítulo III explicita o Método e, o Capítulo IV, os resultados do estudo e, tece discussões a partir da literatura. Ao final são colocadas reflexões em forma de considerações finais.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1– Sexualidade: conceitos e abordagens

A sexualidade é um tema que está presente no cotidiano, nas questões familiares, no erotismo dos estímulos, nos mecanismos de comunicações, e nas relações de gênero e poder que envolvem homens e mulheres. É uma dimensão da vida humana, aliada aos aspectos biológicos, psicossociais, históricos e culturais.

O conceito de sexualidade é marcado pelo desenvolvimento e evolução da linguagem. Originalmente a noção de sexo parte da separação da humanidade em masculino e feminino, atribuindo as diversidades entre homens e mulheres e a suas relações entre si. Atualmente o sexo abrange tanto as diferenças anatômicas que há entre homens e mulheres, quanto o que os divide e o que os une, sendo compreendidas como um aspecto social (Weeks, 2000).

A sexualidade manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito ((Brasil, 1998).

Sexo e sexualidade geralmente são tomados como sinônimos, entretanto, sexo é um aspecto biológico que distingue homem e mulher, no censo comum exprime o ato sexual. A sexualidade faz parte de um conjunto mais amplo, engloba sentimentos e relações entre pessoas. Sexualidade é um conceito amplo de sexo. É um substantivo abstrato que designa o ser sexual (Jaques, 2012).

Considera-se sexualidade as diversas formas, jeitos, maneiras que as pessoas buscam para obter ou expressar prazer. A ideia de prazer irá variar de pessoa para pessoa, levando em conta a realidade de cada indivíduo. Quando o indivíduo está sentindo prazer, ele está vivenciando a sua sexualidade. A busca do prazer se dá de várias formas, em variadas circunstâncias.

A sexualidade não se estreita apenas à reprodução, mas também pertence a formação de sensações físicas, da satisfação, do encontro singular com o desejo. Está fadada a disposição fisiológica, ao processo de reprodução da espécie, como também o mecanismo de excitação. Para que a atividade sexual seja exercitada e significativa é necessário um leque de processos realizados pelo indivíduo, que depende da socialização, do conhecimento de regras e de aspectos culturais (Heilborn & Brandão, 1999; Jaques, 2012).

A sexualidade é uma estruturação social, uma invenção histórica, capaz de modelar

posições concretas para emergir o entendimento em relação ao corpo. A compreensão individual, familiar e social, a forma como os sujeitos vivenciam suas experiências sexuais contribuem para compreender a sexualidade humana (Weeks, 2000; Reis, Ramiro & Matos, 2012).

Segundo Foucault (2014) a sexualidade é um “dispositivo histórico”, ao qual constitui múltiplos discursos que regulam, que instauram saberes, que normatizam, que produzem verdades. A concepção moderna de sexualidade engloba mecanismos biológicos da reprodução com variantes individuais e sociais do comportamento e a instauração de normas. O autor ainda afirma que a sexualidade abrange todos os aspectos da vida humana, apoiados em normas de conduta, ditas pelas concepções religiosas, políticas, educacionais e médicas.

A sexualidade colabora para formação da personalidade do sujeito e seu crescimento global, é necessário que cada um viva sua evolução sexual que está vinculada aos relacionamentos, ao mecanismo emocional e os sentimentos do indivíduo (Reis *et al.*, 2012).

Segundo Brêtas e Silva (2005), a sexualidade é uma rede de estimulação dos corpos, da descoberta dos prazeres, da formação do conhecimento, dos controles e resistências encadeando-se um ao outro e formando a identidade sexual do indivíduo. Ela se torna o cerne do sujeito, estabelecendo relações com os outros, podendo amar, sentir prazer, e se reproduzir é o que une como espécie humana, englobando as disciplinas do corpo e a regulação das populações. Diz respeito à saúde pública, a reprodução, a natalidade e a perpetuação da espécie (Altman, 2001; Mokwa, 2013).

Existem diferenciações nos tipos de sexualidade, segundo Gatti (1985) primeira delas é a diferenciação que está associada ao corpo do homem, chamada de Sexualidade Genital, onde se encontram os órgãos genitais masculinos e femininos, apresentando a função reprodutora que somam as finalidades biológicas de ambos os sexos. Outra é a Sexualidade Genética, que trata do estado biológico, onde acontece a predeterminação do sexo no momento da concepção, os caracteres sexuais secundários e os instintos ligados ao sexo.

Para Freud (1996), de acordo com as concepções psicológicas, a sexualidade pertence ao inconsciente, dominado pelas pulsões e desejos, é capaz de influenciar de forma determinante a personalidade do indivíduo.

Para Jaques (2012), a sexualidade vista com o olhar social, é composta de relações de gênero, permanente na construção social do indivíduo, exprime a maneira como o homem e a mulher podem vivenciar sua sexualidade, somando a seus sentimentos e experiências. A palavra gênero, contribui para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres.

O compreender do que é ser homem ou mulher, masculino e feminino, é oriundo da identidade de gênero, que deve passar por uma socialização sexual, a partir desse processo o indivíduo adquire e compreende seus sentimentos, atitudes e modificações sexuais que a sua cultura possibilita.

As várias identidades sexuais são frutos da formação da linguagem da sexualidade, encontrados nos espaços públicos e privados, reprimidos e marginalizados, capazes de conduzir a fluidez das identidades (Louro, 2000).

Coloco em questão a abertura da maturação que as identidades sexuais e de gênero têm despertado, um novo debate é discutido no âmbito social e político, uma nova sexualidade é interpretada, as pessoas estão cada vez mais propensas a descobrir e vivenciar sua sexualidade, é o que configura quem somos e o que somos.

Tratar de sexualidade afirma a presença de uma política social e cultural que tende a crescer. Desde a revolução sexual ocorrida entre os anos de 60 a 80, com a ruptura do feminismo, a exigência por direitos civis e a liberação gay preconizam a supressão das atitudes conservadoras (Parker, 2000).

A discussão sobre sexualidade emerge na sociedade cada vez mais, principalmente quando se trata da realidade do aborto, da propagação da aids, dos direitos sexuais, se tornando um assunto primordial da vida contemporânea (Cano, Ferriani & Romeu, 2000).

Nessa perspectiva é observável que a sexualidade é mais que uma discussão privada, ela faz parte do campo político e social discutido e disputado. Está incluído numa atividade de poder que socialmente é capaz de sofrer discriminação, classificação e separação.

1.1.1 Sexualidade: abordagem histórica, sociológica e psicológica.

Na origem das civilizações as pessoas eram distribuídas em pequenos grupos. As relações sexuais eram livres entre homens e mulheres (Jaques, 2012; Moizés, 2007). O processo de reprodução do homem, era pouco entendido e a prática sexual acontecia de forma natural. A sexualidade e menstruação eram cercados de mistério, magia, feitiçarias e explicações religiosas (Silva & Carvalho, 2005). Na sociedade matriarcal as mulheres eram mais importantes, pois eram responsáveis por darem continuidade ao grupo, os filhos provinham de linhagem materna e eram criados por todas as pessoas da tribo (Moizés, 2007).

Por conseguinte, a atividade sexual passou a ser apenas por casal, para que os filhos pudessem herdar os bens desse clã. Desde então, legitimou as relações monogâmicas e as

famílias estabeleceram suas bases dentro desse sistema patriarcal, agora com linhagem sanguínea paterna (Cano *et al.*, 2000; Jaques, 2012).

A partir daí o sexo passa a objetivo de reprodução, a mulher se torna submissa e fiel ao homem, enquanto, ao contrário, sustenta relações sexuais fora do casamento (Moizés, 2007).

Herdamos dos hebreus os princípios morais, legais e religiosos, o culto ao casamento e a castidade de homens e mulheres. Dos gregos, a reprodução era o foco do casamento, as meninas criadas para serem donas do lar e obrigadas a casarem ainda adolescentes, os meninos cultuavam o corpo, sendo este o elemento de prazer-dor, eram preparados para as batalhas, proibidos de se masturbarem por simbolizar o enfraquecimento, mas em contrapartida eram conduzidos ao homossexualismo como aprendizes a mestres experientes do grupo (Cano *et al.*, 2000).

Na Idade Média, a sexualidade era contida, os excessos de tabus eram presentes devido os preceitos religiosos, onde as relações sexuais eram vistas como pecado, o incesto, o homossexualismo, o sexo anal e a masturbação foram proibidos, por permitirem a danificação da espécie e não terem fins procriativos. A vida sexual da mulher começaria após o casamento e com o objetivo da reprodução, os homens podiam ter relacionamentos extraconjugais (Cano *et al.*, 2000; Jaques, 2012; Moizés, 2007).

A maneira como é abordada a sexualidade do indivíduo vem desde as práticas de penitência do cristianismo medieval, pela constituição da confissão obrigatória, exaustiva e frequente imposta aos fiéis pelo Concílio de Latrão¹, pelos métodos do asceticismo, do exercício espiritual e do misticismo, que teve uma intensidade ainda maior no século XIV (Foucault, 2014), ações fora dos padrões da época, eram julgados como bruxaria (Jaques, 2012).

No Brasil – colônia, seguindo as influências portuguesas, a Igreja Católica portuguesa prezava os preceitos da moralidade, a fim de combater o concubinato², priorizava a organização familiar patriarcal, onde os homens poderiam ter relações sexuais fora dos seus relacionamentos com mulheres pobres ou prostitutas. As esposas, na maioria portuguesas ou espanholas, eram anti-sexuais, privadas de sentirem desejos, a sexualidade resumia para elas como a procriação da raça (Cano *et al.*, 2000).

O pensamento moral no início dos séculos, era induzido pela igreja e suas ideias, Gatti

¹ Concílio de Latrão: é uma assembleia de prelados católicos que estabeleceu que os assuntos espirituais e carnis são de autoridade da igreja, o primeiro aconteceu em 1123.

² Concubinato: forma de união predominante nas camadas rurais e populares, em que homem e mulher tinham uma união livre, sem estarem casados um com o outro.

(1985) afirma que, a igreja governava os povos, e prezava por uma moralidade rígida.

No século XVII, controlado pela repressão, com o domínio do capitalismo e da ordem burguesa. Falar de sexo ainda seria uma censura, estabelecido silêncio absoluto sobre o assunto. Um tema reprimido pela igreja, que qualificava pecadores aqueles que praticassem o sexo sem pudor, sendo obrigatório a minuciosa descrição daqueles que o faziam no matrimônio, resultando a penalização com penitências para quem desobedecesse (Cano *et al.*, 2000), crianças e adolescentes eram vistos como seres assexuados (Santos, 2001).

Na França, surgiu a entrada da sexualidade na escola, no intuito de combater a masturbação. Tendo as ideias de Rousseau como referência, definindo que a ignorância é a melhor maneira de conservar a pureza infantil (Santos, 2001).

Três entidades regiam as normas sexuais, eram elas: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Cada um à sua maneira, pregavam o lícito e o ilícito, todos centravam-se nas convivências matrimoniais, a relação matrimonial era sobrecarregada de regras. Romper com as leis do casamento e procurar prazeres estranhos, eram vistos como pecados, desordens e condenação. A homossexualidade, o hermafrodita, a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais, eram considerados criminosos por praticarem devaneios sexuais (Foucault, 2014).

Vale ressaltar, que o sexo também fez parte do discurso sobre o racismo, pela questão da consanguinidade, uma sociedade de sangue, que fazia a diferenciação das castas e o valor das linhagens, que consistia em determinar os bons casamentos, de provar as fecundidades desejadas, de garantir a saúde e a longevidade das crianças (Foucault, 2014).

A partir do século XVIII, houve uma explosão no discurso sobre sexo, por iniciativa política e econômica, voltados para os discursos da taxa de natalidade, da idade matrimonial, do nascimento de crianças legítimas e bastardas, e da incidência das práticas contraceptivas. É a primeira vez que uma sociedade se preocupava com o debate sobre sexo, por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição, no intuito de exprimir que o futuro e a fortuna dos cidadãos estariam marcados na forma de como eles usam o sexo (Moizés, 2007; Jaques, 2012).

Surgiu uma visão do sexo reformulada, apesar de ainda não escapar da instituição eclesiástica, mas através da pedagogia, da medicina e da economia, rompeu as questões leigas do sexo, para torná-lo negócio de Estado.

Surge então o amor romântico, o amor vinculado ao sexo, se une ao casamento e afeta o olhar sobre ele, surgindo a oportunidade da escolha do parceiro ideal (Cano *et al.*, 2000;

Jaques, 2012). Um florescimento das ansiedades morais, culturais, médicas, pedagógicas e higiênicas caminham para dar um novo sentido a sexualidade.

As normas sociais face à sexualidade começam a alterar com o desenvolvimento das ciências, da técnica, da indústria e dos novos padrões de vida decorrentes do urbanismo, consumismo e capitalismo. Verifica-se uma nova forma de pensar, e uma nova consciência moral, mais permissiva que valoriza o prazer sexual enquanto um direito, da felicidade humana que nada nem ninguém tinha o poder de limitar.

A sexualidade é um dispositivo que envolve a estimulação de corpos, a incitação do discurso e dos prazeres, com estratégias de saber e poder. Surgiu então o dispositivo da sexualidade, percorrendo as sensações do corpo e a qualidade dos prazeres (Foucault, 2014).

O dispositivo de sexualidade é formado por três formas diferentes: (1) A noção de sexo: capaz de agrupar funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, permitindo formar uma unidade fictícia, capaz de descobrir o sexo como significante único e significado universal, controlando o saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas de reprodução; (2) O papel do sexo: ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter sua própria compreensão, à totalidade de seu corpo, a causa de sua identidade. (3) O desejo do sexo: o desejo de tê-lo, de descobri-lo, de libera-lo (Foucault, 2014).

Na primeira metade do século XIX, o proletariado diferente da burguesia que se atentava para o dispositivo da sexualidade, estava distante de tomar sentido do seu corpo e do seu sexo. Para que o proletariado fosse conhecedor e desempenhasse as atribuições do seu corpo e da sua sexualidade, foram necessários uma série de conflitos: coabitação, epidemias, a cólera de 1832, o tifo, a prostituição e doenças venéreas (Weeks, 2000).

A medicina, a psiquiatria, e também a pedagogia iniciaram a solidificação dos estudos voltados para a sexualidade, que teve como base a biologia e a psicologia. Assim, as sociedades ocidentais começaram a registrar seus prazeres, descreveram tanto as deficiências cotidianas quanto as estranhezas. Voltando-se para um discurso que não consistia na fala do pecado e da salvação, mas no que se trata o corpo e a vida (Weeks, 2000).

Segundo Foucault (2014), as instituições pedagógicas prepararam discursos sob o sexo de crianças e adolescentes, fazendo falar deles educadores, médicos, administradores e pais. O sexo das crianças e adolescentes passou a ser um foco do qual se dispuseram inúmeras estratégias discursivas. A pedagogia visava a sexualidade da criança, a medicina incluía-se da fisiologia sexual das mulheres, e pôr fim a demografia preocupava-se com o controle de

natalidade.

A partir de então, a discussão sobre sexo adquiriu outro sentido, a higiene do corpo, a preocupação com a longevidade, os requisitos para ter filhos, para mantê-los vivos e para criá-los, os meios para melhorar a postura humana diante da sua sexualidade e suas multiplicidades, retrataram as relações de poder que a sexualidade estabelece (Jaques, 2012).

Com a ênfase da postura científica, surgiu um novo ramo da Ciência, a Sexologia, que passou a influenciar e favorecer os debates sobre o comportamento sexual, evidenciando os processos do orgasmo, em que progressivamente seria, do direito ao prazer ao dever de gozar (Silva Júnior, 2010).

A sexualidade forma no indivíduo dois modos de ser: o que ele é diante do mundo e diante de si, dois modos diferentes de pensar, agir, querer, sentir, de viver o lado cultural, moral, religioso e sexual. Havendo diferentes manifestações de personalidades, e assim caracteriza a Sexualidade Psicológica, que percorreu a população, as organizações econômicas, exaltando o indivíduo e valorizando suas forças (Moizés, 2007).

Freud³ deu a devida atenção para a sexualidade, dando a importância psicológica e moral, foi ele que protagonizou um marco importante para a desenvoltura do estudo da sexualidade. Penetrou o determinismo biológico e promoveu os mecanismos psíquicos, afirmando que a sexualidade faz parte da formação das pessoas, concebendo a criança como um ser sexualizado. Deu ênfase a psicologia, a biologia, a pedagogia e a psicanálise, para abordar a sexualidade infantil (Moizés, 2007).

Surgiu então por Sigmund Freud, na década de 1890, a Teoria da Psicanálise, gerando polêmica a sociedade da época, defendeu que o desenvolvimento da criança é oriundo do seu processo de sexualidade, e a sua evolução sexual procede com o seu crescimento psíquico, que vai desde o nascimento e segue os estágios do desenvolvimento psicosexual humano (Freud, 1996; Moizés, 2007).

Freud (1996), defendeu que a sexualidade existe primeiro na criança, na infância, ligada a nutrição e defecação, localizado nas zonas erógenas, o autor afirma ainda que as manifestações sexuais ocorrem em todas as fases da vida, a sexualidade participa do caráter evolutivo do indivíduo, e que desta forma ocorre o desenvolvimento e enriquece a evolução sexual humana.

O discurso sobre sexo foi proferido abrangendo o onanismo, a etiologia das doenças

³ Sigmund Freud, conhecido como Pai da Psicanálise, estudioso, pesquisador e criador dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.

mentais, as perversões sexuais. A medicina foi uma grande aliada para os deleites sexuais ditos no século passado, a intervenção da igreja na sexualidade matrimonial foi perdida, para que entrasse a medicina para explicar os mecanismos sexuais, fazendo-se valer de todo um aparato da patologia orgânica, funcional ou mental, classificando todas as formas de prazer. Surgiu então a ginecologia, que além de tratar dos órgãos reprodutivos da mulher, mostrava a ciência da feminilidade e das diferenças entre homem e mulher (Altman, 2001).

Uma das formas da medicina penetrar na sociedade foi através da escola, se forjou no Brasil um projeto em nome da ciência para a escola, delegando esferas privadas, religiosas e familiares. Chamada de medicina higiênica, objetivando formar uma sociedade higienizada, escolarizada, regenerada e homogênea. Dessa forma, as concepções médicas higienistas, inculcaram políticas educacionais no Brasil, buscando combater a masturbação, as doenças venéreas, e o preparo da mulher para ser mãe e esposa, visando a reprodução da espécie de forma saudável (Altman, 2003).

Por volta dos anos 60, desencadeou a revolução sexual, propagando a concepção de sexo desvinculando do compromisso (Cano *et al.*, 2000). A revolução sexual introduziu os métodos contraceptivos, preconizando os valores e as formas de pensar da sociedade (Moizés, 2007). Com a explosão da epidemia da aids, houve o aumento da produção dos métodos contraceptivos (Heilborn & Brandão, 1999). Foi um período de múltiplas discussões sobre todos os elementos que circundavam a sexualidade, um novo liberalismo. (Weeks, 2000). O direito do prazer sem restrição, a derrubada da supremacia masculina fez parte de uma sexualidade renovada e aberta (Cano *et al.*, 2000), contribuindo com o desfecho, o aumento de imagens e situações cultuando o sexo, na música e na TV somaram a grande explosão do debate sobre a sexualidade (Moizés, 2007).

Em contrapartida, em 1965 com o início da era moralista e ditatorial, o tema sexualidade foi banido das salas de aula. Mas ainda existia iniciativas que tentaram burlar as normas da época, servindo de apoio a resistência à ditadura (Costa, 2012).

Nos anos 70, houve o pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo, defendendo que o debate sobre sexualidade seria dever da família, podendo as escolas abordarem ou não essa temática (Altman, 2001). Neste igual período, preconizou a luta contra a ditadura e o movimento de redemocratização. As feministas tiveram papel fundamental nesta época, instigaram a diferenciação biológica e de gênero, admitindo que os processos vivenciados entre homens e mulheres, são formações culturais e não naturais (Silva Júnior, 2010).

Foi a partir dos anos 80, que a demanda por tratar da sexualidade em sala de aula voltou a progredir, devido à gravidez precoce, o surgimento da AIDS entre os jovens, a influência do feminismo e do homossexualismo, e o interesse cultural da saúde reprodutiva e sexual (Parker, 2000; Santos, 2001).

Dos anos 90 até aos dias atuais, verifica-se a necessidade da inclusão do estudo da sexualidade na escola, que tem sido motivo de debates, voltados para subsidiar os educadores na discussão da abordagem da sexualidade em sala de aula. O que por muitas vezes as redes de ensino não seguem as leis como deveriam, deixando de criar programas e disciplinas curriculares voltadas para o estudo sobre a Sexualidade (Santos, 2001).

Pensou-se em sexualidade, família e escola pelo princípio da não exclusão, mostrando que a união e o respeito pelas diferenças estejam sempre estabelecidos. Muitas vezes os pais têm dificuldades em abordar a sexualidade com seus filhos, por não terem claro o que aconteceu com eles próprios, e atribuem a esse papel à escola.

Os estudos de Silva e Carvalho (2005), relatam que ao tratar a sexualidade como uma abordagem de responsabilidade onde os pais tendo a consciência que seus filhos já estão praticando a vida sexual, evitam falar sobre o assunto, com o intuito de não romper os tabus existentes na sociedade, sentindo-se constrangidos os pais justificam a ausência de diálogo comprando revistas e livros sobre o tema, acreditando ser uma forma de tratar sobre a educação sexual de seus filhos.

“Cada família tem seus próprios valores e os repassam para os filhos. Juntamente com esses valores as famílias acabam repassando também preconceitos, tabus e mitos. Assim, em uma mesma sala de aula, uma professora tem que lidar com diferentes valores e, ao mesmo tempo, trabalhar os preconceitos que surgem no grupo com a preocupação de que o reflexo das suas aulas atingirá a sociedade como um todo” (Silva & Carvalho, 2005, p. 76)

Tratar da sexualidade dos filhos e dos alunos, traz para pais e professores a presença da própria sexualidade, se deparando com angústias e com sua própria sexualidade reprimida. Mas com o advento dos discursos abertos e a quebra de tabus, tratar de sexualidade nos ambientes sociais vem conquistando espaço, mesmo que lentamente. Os professores e pais em sua maioria foram os adolescentes do período de transformações. É inegável que essas transições transformaram adultos inseguros, observando os rígidos padrões de sua infância e adolescência serem derrubados ao longo dos tempos. Os tempos mudaram, em todos os aspectos que regem as dinâmicas da sexualidade

Atualmente, é positivo e necessário tratar da sexualidade nos círculos sociais, educacionais, políticos e religiosos, pois com o culto a nudez e o apelo sexual crescente,

capaz de corromper o comportamento moral e o respeito consigo e com o próximo. É imprescindível a busca por políticas públicas, familiares e educacionais que possam instruir, levar ao indivíduo o conhecimento de métodos contraceptivos, da multiplicidade de identidades sexuais, das finitudes do que é, quem é, e como quer viver a sua sexualidade, buscando compreender suas representações e conduzir o cerne de novos conhecimentos.

Segundo Calado (2011), esse tema tornou-se um campo de análise científica e, mais recentemente, deixou de ser somente um tema de exigência social ou de debate ideológico, para se transformar também em objeto das políticas governamentais de Saúde, da Educação, da Juventude e da Igualdade de Gênero.

1.2. Representações sociais e sexualidade: conceitos e contribuições

É comum a busca para desvendar o que nos conduz no mundo que nos cerca. O homem vive procurando interpreta-se e estabelecer seu lugar físico e intelectual. Dividindo opiniões, concordando ou discordando do novo, das ideias, do mundo.

Por isso, afirma Jodelet (2001):

“As representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la” (Jodelet, 2001, p. 1)

Através das representações sociais promovemos as múltiplas interpretações, elas corroboram os discursos traduzindo o censo comum que a sociedade tem para si.

Entre os anos 60 e 80, surgiu o desejo de descoberta e o interesse em explicar os fenômenos do domínio simbólico, das representações sociais e da memória social, enfatizando conceitos da consciência e do imaginário. Embora procedente da sociologia de Durkheim (Arruda, 2002), que está voltada para uma teoria coletivista, em que a consciência coletiva é composta de representações que superam o âmbito individual e contribuem para a consciência individual (Sêga, 2000), mas é na psicologia social desenvolvida por Serge Moscovici e Denise Jodelet que a representação social foi teorizada, atualizada, capaz de conduzir e aprimorar os estudos na educação, saúde, didática e outros campos (Arruda, 2002).

Moscovici recorreu à teoria de vários estudiosos para que fosse possível a melhor explicação e atualização da Teoria da Representação Social – TRS, dentre três pesquisadores escolheu os que julgou mais importante: Piaget, Lévy-Bruhl e Freud. Piaget fez jus ao

desenvolvimento do pensamento infantil, que se dá através de imagens, das quais fazem uso e do que é já conhecido para interpretar o desconhecido. Lévy-Bruhl, através das suas afirmações sobre o pensamento místico, sobre a nova forma de ver o mundo. Freud, com as suas interpretações da Teoria da Sexualidade Infantil (Arruda, 2002).

Partindo dos pensamentos de tais estudiosos, o conceito de representação social surge na sua teoria e aparece como renovador para a psicologia social e reagrupador das ciências sociais. Permiteu ao antropólogo a condução de estudos sobre a ordem cultural e da organização social. Possibilitou ao sociólogo, um elemento de análise da mudança social e da compreensão da atuação política e religiosa (Jodelet, 2001).

A Teoria das Representações Sociais é conduzida para trabalhar com o pensamento social e toda a sua variedade. Partindo de que há múltiplas formas de se comunicar, quer tenha por base um pensamento consensual, aquilo que é formado e caracteriza o dia a dia - o informal; quer seja um pensamento científico que possui o rigor da ciência. As representações sociais dizem respeito ao universo consensual, ainda que por vezes faça uso da esfera científica (Arruda, 2002).

As representações sociais são uma maneira de entender o conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, tendo por base valores e modelos sociais capazes de formarem uma verdade comum para um grupo social. Interpretado como o saber popular, “o conhecimento popular” é a apropriação social de uma ciência por uma “sociedade pensante”, composta por “sábios amadores” (Jodelet, 2001, p. 10), não menos importante que o saber científico, mas procedente e genuíno da vida social do indivíduo (Jodelet, 2001). Essa realidade do saber popular, conduz os propósitos e as opiniões, num aparato crítico diferente da relação habitual entre o sujeito e a realidade, que desperta no indivíduo a construção da realidade (Lacerda, Pereira & Camino, 2002).

As representações sociais dirigem as conexões com o mundo e com o outro conduzindo as comunicações sociais. É o mecanismo que permite compreender a realidade exterior e a criação psicológica dessa realidade (Jodelet, 2001), bem como, a vitalidade das interpretações do indivíduo, daquilo que ele apreendeu do mundo. Constrói-se a partir dos seus valores, cultura, tradições e conhecimentos, ou seja, a representação que o sujeito adquire com seus grupos sociais.

Para Jodelet (2001), representar ou se representar confere ao ato do pensamento em que o sujeito se corresponde com o objeto. Este objeto pode ser uma pessoa, uma coisa ou até um fenômeno psíquico ou social, mas sempre existirá um objeto quando se trata de

representação, pois não existe representação sem objeto.

Existe a modificação do sujeito e do objeto nas representações sociais, no momento em que ocorre a elaboração do objeto, ele é interpretado e categorizado, e então é qualificado no conceito do sujeito (Arruda, 2002). A representação social aplica ao objeto interpretações, a essa interpretação além a tarefa de fazer da representação a formação do sujeito através de mecanismos cognitivos ou processos intrapsíquicos (Jodelet, 2001).

A representação social se torna um pensamento criativo e móvel do sujeito, este por si é um ser pensante, crítico, e não um indivíduo passivo que se detém aquilo que o mundo lhe apresenta.

Para Moscovici (2003), que estudou as Representações Sociais, e com isso busca apontar fenômenos múltiplos, observados e estudados no que se refere às diferenças e estereótipos individuais psicológicos ou sociais, seja individual ou coletivo, permite conhecer ideias, imagens, crenças, no que o indivíduo teme e acredita, conhecimentos e atitudes referentes à sexualidade.

A articulação entre os processos cognitivos e as condições sociais refletem a elaboração – objetivação e o funcionamento – ancoragem das representações que somando fazem os fundamentos do estudo das representações (Amaral & Fonseca, 2005).

O primeiro processo da representação social é a elaboração. A qual percebe um exercício que não considera a realidade do comportamento social, mas como ocorre o funcionamento cognitivo do grupo, o modo que cria as relações entre seus participantes, definindo assim os objetivos e os procedimentos específicos (Sêga, 2000).

“As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem” (Sêga, 2000, p. 128).

A forma de interpretar o pensamento humano, desvendar as múltiplas facetas das representações sociais, interpretando as concepções de mundo através do saber do senso comum.

A objetivação interpreta como a representação social foi elaborada, demonstra como se forma o conhecimento do objeto, separa e tira de contexto noções daquilo que se vai representar, esta passa por uma espécie de divisão fundamentada na informação prévia do sujeito e dos seus préstimos. Expõe, portanto, um aspecto imagético da representação. Nasce então, um objeto que antes era um enigma, e agora torna-se um objeto claro e natural (Arruda, 2002). Acarretando assim, a elaboração de um conceito, através do conhecimento prévio e da

formulação de um novo significado.

A ancoragem, outro processo que faz parte da formulação da representação, é o meio como a representação funciona, é ela que “dá sentido ao objeto que se apresenta à nossa compreensão” (Arruda, 2002, p. 136). É a conversão do novo, a forma como o conhecimento chega até o social, é categorizado e se transforma em um novo objeto, “ancora” o novo (Arruda, 2002), que é modificado para fazer parte do conhecimento pré-existente (Jodelet, 2001). É uma operação importante para a representação, é o momento exato da junção daquilo que é já conhecido, para o novo, tornando-o familiar.

A estas posições, são admitidas a inserção num contexto social, no qual engloba por estes grupos, suas ideologias, seu caráter cultural, a comunicação entre eles. Conforme afirma Sêga “a representação social é um conhecimento prático que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade” (Sêga, 2000, p. 22).

Alargando o conceito e o entendimento sobre as representações sociais, Moscovici (2003) fez uso da teoria behaviorista, utilizou o paradigma “estímulo-resposta”, o sujeito é visto como um organismo capaz de intervir entre o estímulo e a resposta (Moscovici, 2003). As representações correspondem tanto ao estímulo quanto resposta, bem como às estruturas mentais formadoras da construção da conduta (Jodelet, 2001).

“As representações não são respostas mentais a um estímulo do meio social, onde estímulo e resposta se formam ao mesmo tempo, sendo o estímulo determinado pela resposta” (Lacerda *et al.*, 2002, p.168). Nesse sentido, as representações promovem a construção do comportamento, o seu remodelamento diante do espaço social, onde irá ocorrer.

O objeto de estudo da representação social é a relação indivíduo – sociedade (Arruda, 2002), o estudo das representações busca somar os processos de interações culturais e sociais do sujeito (Jodelet, 2001). Estuda-se os fundamentos legítimos das teorias do senso comum, que corrobora a junção do cognitivo e da representação social (Lacerda *et al.*, 2002).

O conteúdo das representações é considerado seja como campo estruturado, que são as crenças, imagens, cultura; seja como campo estruturante, os organizadores sócios culturais, modelos normativos. Esses dois campos são trabalhados através de meios investigativos, como questionários e entrevistas (Jodelet, 2001).

Para entender os componentes do saber prático que refazem a representação social, é necessário equivaler três perguntas: quem sabe, e a partir de onde sabe? O que e como sabe? Sobre o que sabe, e com que efeito? Estas três perguntas demonstram a formação e

reprodução das representações, os elementos das representações e o nível epistêmico da representação (Arruda, 2002).

Um reforço importante nesta discussão, está presente no conceito de Moscovici (2003) em relação às representações sociais, onde ele afirma que as representações sociais são conjuntos dinâmicos, é o resultado das relações de comportamento com o ambiente, possuindo uma linguagem própria e uma lógica particular. Para Jodelet: “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 22).

A representação é a forma como as pessoas se veem na sociedade e em grupo. São explicações da vida cotidiana e das comunicações interpessoais, que se afirmam em função dos pontos de vista dos grupos sociais, com seus significados, valores e experiências. Para Sêga (2000), a representação social é a representação de alguma coisa ou alguém, é o processo de preparação cognitiva e simbólica que estabelece os comportamentos, ela mistura processos simbólicos e procedimentos (Sêga, 2000). A representação social tem cinco características fundamentais: 1) é sempre uma representação de um objeto; 2) possui formas de se expressar através de imagens e a propriedade de utilizar duas coisas ao mesmo tempo sem alterar o resultado, como a sensação e a ideia, a percepção e o conceito; 3) tem caráter simbólico e significante; 4) é construtiva; 5) é autônoma e criativa. Jodelet (1990 como citado em Sêga 2000).

Segundo Moscovici (2003), quando os indivíduos formam e organizam modelos representativos sociais, eles buscam dar significados à realidade em que vivem, apropriá-la e interpretá-la. Quando isso acontece, eles falam quem são, como conseguem compreender a si mesmos e aos outros, como se inserem no meio social, e os recursos cognitivos e afetivos que utilizam, num dado momento histórico.

Para que ocorra a interpretação dos indivíduos, para que tais modelos representativos sociais sejam esclarecidos, Sêga (2000) diz que, o sistema de interpretação tem o objetivo de ligação entre o indivíduo e o meio em que vive, e os componentes do mesmo grupo (sociedade). Com a competência de solucionar problemas comuns, tornar-se código, linguagem, classificando os indivíduos e eventos, criando modelos aos quais outros grupos e outros indivíduos serão avaliados e posicionados. A representação social é um fenômeno de referência a que compreende a conversões e percepções de experiências que permitem a comunicação numa mesma linguagem e uma nova visão (Sêga, 2000).

É necessário levar em conta fatores capazes de melhor traduzirem uma representação, o primeiro deles é a cultura em que o indivíduo se insere, outra é a linguagem oriunda do grupo social do qual participa, e pôr fim a realidade educacional e socioeconômica que está incluso (Arruda, 2002).

As características gerais da representação é o respeito pelas múltiplas interpretações do objeto, a centralidade que há nos conteúdos, a consideração e o entendimento da dimensão social capaz de modificar a atitude da representação (Jodelet, 2001).

A partir de então, é compreensível que o saber seja uma construção do sujeito. Como princípios construtores do simbolismo, as representações sociais são derivadas das circunstâncias dos sujeitos no sistema social (Lacerda, *et al.*, 2002).

O funcionamento do sistema social e da atividade cognitiva são capazes de intervir na estrutura das representações sociais, são capazes de legitimar a linguagem, os elementos efetivos, mentais, sociais, levando-se em conta os múltiplos processos individuais e coletivos (Jodelet, 2001). Por isso, o aprofundamento nos estudos das representações, tem sido útil para mostrar as relações entre os saberes práticos e o dever da escola, como também as funções ideológicas e políticas pedagógicas da educação (Menin, Shimizu & Lima, 2009).

É fundamental que o estudo das representações esteja inserido nos trabalhos educativos. Pois aqueles que não se atém a questionar as noções que os indivíduos têm sobre determinado assunto, são vistos como duvidosos, por não se preocuparem com os mecanismos do conhecer (Gazzinelli *et al.*, 2005)

A partilha das representações é um elemento pré-existente, que pode se deter ao pensamento de um grupo, por razão de solidariedade ou por concordância. Partilhar uma ideia é também uma identidade. Há representações que já se encontram prontas, ou que podem transpassar o sujeito. O lugar e a posição social que os indivíduos ocupam é que fazem das suas representações modelos ideológicos (Jodelet, 2001).

As representações podem, como já referido antes, partir do conhecimento do censo comum e confrontar com o saber científico. Ao tratar sobre o tema sexualidade com pais, alunos, professores, é inevitável que parta de cada um com sua opinião, de acordo com seu saber social, ideológico e cultural, eles darão ao objeto (sexualidade) a definição específica segundo a qual compreendem. Instaurando através de valores variáveis, dando ao objeto diversas significações expressas pelo indivíduo ou pelo grupo, e assim constrói uma definição específica da representação.

As representações definem como re'construir' outras representações. Como inserir um

novo saber (Gazzinelli *et al.*, 2005).

Falar sobre sexualidade é instigar debates sobre as identidades das pessoas e suas práticas sexuais. Novas identidades sociais são visíveis, ocorrendo um processo de afirmação e diferenciação. Identidades sexuais e de gênero podem tornar as representações ainda mais instigantes (Louro, 2000).

As identidades são representações sociais formadas ao longo do tempo, e que são reguladas e classificadas distante dos debates voltados para a Sexualidade. As identidades sociais, que abrangem as sexuais e de gênero, são representadas nas ações pedagógicas e educacionais, que assim formam os sujeitos, a partir de quando estes são indagados em diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais (Freitas, 2011).

Os diferentes grupos sociais fazem das representações, a marca dos ideais e pensamentos para construir a identidade do seu grupo e dos outros grupos sociais. É o poder que define a forma como a representação será processada, tendo efeitos capazes de criar identidades culturais e sociais (Louro, 2000).

Mesmo dada uma nova visão, ainda há quem prevaleça os meios de pensamento antigos, que interagem com já conhecidos, e a essa categoria de pensamento se dar pela memória e pelo surgimento de novas posições estabelecidas, para isso existe a ancoragem, que trata de fazer prevalecer os pontos de vista antigos, mas que vai mostrar no familiar e explicar de maneira familiar. As representações sociais são o objeto de estudo que restaura à disciplina suas dimensões históricas, sociais e culturais (Sêga, 2000).

As atitudes sociais refletem nas suas representações, aquilo que o indivíduo compreende e entende em função do meio em que vive. Moscovici (2003) afirma, que o homem é um ser racionalizante em vez de racional, e que suas mudanças de agir e de cognição, demonstram sua tentativa em organizar seus comportamentos, opiniões e ações. E por isso, quando surge uma conjuntura entre uma opinião e uma ação, o indivíduo não acredita apenas na razão para solucioná-lo (Moscovici, 2003).

As mudanças confirmam o surgimento de novos modelos de pontos de vista, e daí que surge as representações sociais. Tudo que vivemos neste mundo demonstram nossas representações sociais, como também o que leva a essas representações sociais ocorrerem.

Os preconceitos são dificilmente dispersos, os estereótipos não deixam de existir, pois, para Moscovici (2003), não ocorre coisa alguma na representação que não esteja inserida na realidade, salvo a representação em si.

O debate da sexualidade na escola está inserido nesta intenção. Os que fazem parte do

estudo não são receptores passivos. É necessário discutir e explicar, os fenômenos vistos e vivenciados, observando os valores sociais pertencentes ao grupo e suas representações.

1.3. Educação Sexual como Educação para Saúde e o papel da escola nesse processo.

Nos últimos 60 anos, o comportamento da sociedade em relação à sexualidade modificou-se gradativamente. Essas modificações refletem-se nos valores, nas manifestações artísticas, na cultura, na linguagem e nos métodos de socialização do indivíduo.

A necessidade de incluir a sexualidade no contexto escolar não é uma novidade, mas um assunto discutido há décadas, que tem buscado ênfase nos currículos para resultar num trabalho eficiente com os alunos.

“A sexualidade é um tema que aparece “transversalizado” na cultura, permeando-a de diversas maneiras, e permeando, conseqüentemente, a vida dos jovens adolescentes. Podemos perceber isso na forma como os alunos se comportam, na forma como eles se relacionam entre si e nas suas falas, uma vez que em todos esses aspectos a sexualidade é um tema que aparece de forma urgente” (Tonatto & Sapiro, 2002, pp. 170-171)

O surgimento de novas tecnologias, novos métodos contraceptivos disponíveis para todos, o sexo sem tantos tabus, hoje discutido com mais frequência, forçam discussões mais abertas no âmbito familiar e nos grupos sociais. Inclua-se aí a escola, proporcionando aos jovens a oportunidade de expressão e compreensão da sua sexualidade.

Hoje o tema sexualidade, encontra-se mais divulgado em todas as extensões escolares, fazendo parte dos currículos, inclusive no ensino Fundamental II, fase em que os alunos se encontram na adolescência, e no despertar para a sexualidade. É, portanto, a Escola, o lugar mais adequado de obtenção de informações sobre desenvolvimento humano, contracepção e gravidez adolescente (Brasil, 2006).

O esclarecimento e as informações para os adolescentes são imprescindíveis para que possam viver a sua sexualidade, de maneira mais adequada e mais saudável (Reis *et al.*, 2012).

A Educação Sexual tornou-se ambiente para tratar do corpo do indivíduo, com uma pedagogia voltada não só para um movimento higienista, mas de valores e descobertas (Britzman, 2000).

O mecanismo mais importante para abordar as formas de prevenção de situações

voltadas para a saúde sexual e reprodutiva é a Educação Sexual. Compreende um processo contínuo e permanente de conhecimento e socialização, responsável por transmitir informações, e instigar atitudes voltadas para a sexualidade humana, resultando na produção de atitudes e comportamentos saudáveis (Reis et al., 2012).

Para Leal *et al* (2014), devido a sexualidade expressar no ser humano afetividade, sentimentos, prazer, não se limitando no que os indivíduos fazem, mas no que são, a Educação Sexual vem a ser modificadora para reduzir os comportamentos sexuais de risco ou não permitir o seu aumento.

Mesmo a juventude atualmente possuir facilidade de informações, isso não afirma que eles optem por a informação correta e adequada, portanto, a Educação Sexual poderá conduzir a separação necessária de tais informações, auxiliando para que seja utilizada da melhor maneira.

A Educação para Saúde, envolve a construção de diversos conhecimentos compartilhados, que incluem desde as relações sociais, as questões biológicas ligadas às doenças sexualmente transmissíveis, as reflexões sobre a qualidade de vida dos sujeitos, implicando em comportamentos mais adequados em relação à saúde (M. A. Gazzinelli, A. Gazzinelli, Reis & Pena, 2005).

Portanto, a saúde implica a adequação de atitudes, não apenas com o sentido biológico e higienista, mas num contexto didático – pedagógico, que impactem em ações e adoção de valores mais condizentes com a fase adolescente, onde se vivencia a sexualidade, normalmente partilhada com outra (s) pessoa (s).

Tratar sobre sexualidade na educação é promover a saúde física e psicológica. É construir práticas que, tanto acrescentam na construção de hábitos saudáveis, como promove reflexões visando indivíduos mais responsáveis e autônomos. Portanto, a Educação para a Saúde, neste sentido, objetiva promover a criação de ambientes favoráveis, pensar em políticas públicas, visando a educação saudável e o desenvolvimento da responsabilidade social e autônoma do indivíduo (Leonello & L'Abbate, 2006).

O processo educativo lida com histórias de vidas, costumes e valores, na tentativa de entender parte das dificuldades, em termos de aparato cognitivo e cultural, para lidar com questões como a sexualidade. Neste ponto, parece haver um déficit que necessita de medidas reparadoras educativas, tanto para professores como para o alunato (Gazzinelli et al., 2005).

A Educação Sexual (ES) reúne características biológicas, socioculturais, psicológicas e espirituais do ser humano, que impactam na sua sexualidade. Some-se a isso, um domínio

cognitivo que abrange a informação, um domínio afetivo que transcende os sentimentos, os valores, as atitudes e, um domínio comportamental - que se refere à comunicação e à tomada de decisões. Compreende ainda a troca de informações, verbais e não verbais, bem como o conhecimento de atitudes da sexualidade humana, que parece estar num contínuo e permanente processo de aprendizagem e socialização (Leal *et al.*, 2014).

As discussões mais frequentes sobre sexualidade nas escolas, estimularam os debates e projetos educativos envolvendo essa temática (Jaques, 2012).

Os modelos educativos para a Educação Sexual foram tomando forma e se diferenciando, como aborda Gatti:

“Os modelos educativos do passado eram fundamentados no silêncio. A Educação Sexual era, desta forma, apenas ocasional e indireta. O silêncio circundava o sexo com um espaço de sacralidade que lhe aumentava o fascínio, mas carregava-o de sentimento de culpa, favorecido pelo clima repressivo da sexualidade [...]. Os modelos educativos atuais, a educação sexual é dirigida e programada [...], ela se apoia em uma *instrução sexual* cada vez mais aberta, desinibida e precoce, frequentemente confiada à escola (Gatti, 1985, pp. 64-65).

O que antes era oprimido e repreendido, passou para uma esfera de maior reflexão sobre princípios, atitudes e valores voltados para as relações sociais.

A educação sexual atualmente, é tida como uma ação de ensino – aprendizagem, voltada para a sexualidade humana, que objetiva discutir informações básicas, sobre vida sexual, sentimentos e relações interpessoais, com um pensamento crítico, capaz de levar à compreensão e mudança de comportamento (Costa, 2012; Jaques, 2012). Para Jaques (2012), no seio da família, são repassados, nem sempre de forma clara, as primeiras informações para a sexualidade, influenciando o comportamento sexual do adolescente e do jovem, através das relações dos pais entre si, com os filhos, através das recomendações, atitudes e proibições.

Nem sempre a sexualidade adolescente tem seu desenvolvimento de forma harmoniosa, pois o amadurecimento emocional nem sempre acompanha o amadurecimento físico (Reis *et al.*, 2012). Quando adentram a escola, os alunos já chegam com uma certa visão sobre a sexualidade, seja através da escuta atenta de conversas paralelas com a família, amigos, ou mesmo através do que propaga a mídia, sobre o assunto. Como retratada nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

“A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam” (Brasil, 1998, p.299).

As famílias repassam seus conceitos, muitas vezes imaturos, por serem conduzidos pela timidez ou mesmo por não julgarem ser necessário abordar a sexualidade adolescente.

Justamente por ser a adolescência, uma fase cheia de transformações fisiológicas, psicológicas e sociais, é que o sujeito busca na sua sexualidade, maneiras de se auto afirmar, de constituir sua verdadeira identidade, pois é nessa fase que a identidade sexual está se formando. “*A sensualidade e o erotismo estão presentes nas suas formas de agir, no que vestem, na música que escutam e que produzem, nas produções artísticas, nos esportes, enfim, naquilo que se interessam*”. (Brasil, 2006).

Na fase da adolescência, os jovens, procuram se inserir na vida social, buscando identificações, experimentam a intimidade, bem como sentimentos de desejo e a curiosidade por novas descobertas. E nessa idade que aumenta o interesse pelos conhecimentos relativos à sexualidade. Neste momento, a maioria dos adolescentes volta-se para os amigos, com o intuito de obter maiores esclarecimentos, sobre as experiências do outro.

“Segundo os próprios adolescentes, isso se deve ao fato de que, por terem uma idade muito próxima entre si, os amigos entendem melhor os problemas da adolescência do que qualquer outra pessoa. Desse modo, [...] outras instâncias e outros grupos assumem um valor fundamental na vida dos jovens, como por exemplo, os pares. Na verdade, ocorre um certo distanciamento uma vez que o adolescente já não se identifica tanto (ou não quer mais se identificar) com as figuras parentais como na infância e, a partir disso, o adolescente passa a buscar em outros meios as vivências e experiências que necessita nesse momento de sua vida” (Tonatto & Sapiro, 2002, p. 169)

Por conta de se depararem com situações ainda não exploradas, reveladas geralmente através da mídia, ou nos grupos sociais, muitas vezes recebem explicações impróprias.

Para Moizés (2007), tais fatores acarretam, muitas vezes, a precocidade sexual, expondo o jovem a diversos perigos, como adquirir doenças e frustrações, ocasionando consequências futuras.

O adolescente se encontra vulnerável às DST, a gravidez precoce, a prostituição, implicando na sua saúde biopsicossocial (Amaral & Fonseca, 2005; Jaques, 2012; Moizés, 2007).

Pesquisas revelam que o comportamento sexual tem mudado, meninas e meninos estão iniciando cada vez mais cedo sua vida sexual. Em termos globais, 9 em cada 100 mulheres tiveram gravidez indesejada antes dos 19 anos e, tais situações, ocorrem com jovens e adolescentes com um menor nível de escolarização (Amaral & Fonseca, 2005; Reis *et al.*, 2012).

Para Altman (2001), quanto maior o índice de escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

“A escola é apontada como um importante instrumento para veicular informação sobre formas de evitar a gravidez e se proteger de doenças sexualmente transmissíveis, chegando-se ao ponto de afirmar que quanto mais baixa a escolaridade maior o índice de gravidez entre adolescentes” (Altman, 2001, p. 575).

Portanto, a Escola é uma importante e eficaz ferramenta para a educação da sexualidade, afetividade e aprendizado das atitudes e valores corretos na formação do cidadão responsável e respeitador. É dever da escola ensinar e educar para esta formação. Visto que, a Educação Sexual não pode ser de responsabilidade apenas de uma esfera, quer seja a família, a escola, os serviços de saúde, instituições ou qualquer outro setor, mas diz respeito a todas elas, pois engloba um processo contínuo e participado.

Como ressalta Moskovic & Calvetti:

“O ambiente educacional formalizado é um espaço privilegiado de construção e socialização do saber, de exercício da cidadania e, em consequência, de qualificação da vida. A escola/universidade e a família devem se reconhecer como agentes e parceiros de um mesmo processo educativo - a formação integral do novo cidadão - capazes de influenciar o contexto social, político e cultural para mudanças de comportamento” (Moskovic & Calvetti, 2008, p. 212).

A sexualidade adolescente se tornou um problema social. A escola tem sido vista como um lugar onde se poderia intervir junto aos adolescentes. Mais do que uma preocupação moral, os problemas gerados por ações irresponsáveis no âmbito da sexualidade, são vistos como um problema de saúde pública. Neste sentido, a escola, através da condução de políticas adequadas e projetos de intervenção na comunidade, poderiam ser capazes de promover ações de saúde para crianças e adolescentes. A atual inclusão da educação sexual na escola ocorre pelo aumento de casos de gravidez na adolescência e a disseminação de casos de contaminação pelo HIV (Altman, 2003).

A escola desempenha um papel especialmente importante na arte de educar, sendo um local propício para iniciativas capazes de organizar e desenvolver pesquisas e/ou ações voltadas para a educação sexual, que envolvam mais efetivamente a comunidade onde se insere. A organização da escola em busca de um debate positivo sobre sexualidade tende a promover nos alunos, uma consciência sobre o respeito aos valores humanos individuais e coletivos.

Numa outra ótica, a Educação Sexual na escola, pode também produzir polêmicas e dividir os críticos. Principalmente os que julgam o debate das questões sexuais na escola

inoportuno. Acreditam muitas vezes que o debate estimula a sexualidade. Outros mais esclarecidos, concebem que a temática, quando bem orientada, ocasiona o conhecimento da vida sexual com mais responsabilidade. Em virtude disso, aponta-se que, trabalhos bem elaborados em educação sexual, conduzem a um crescimento do rendimento escolar, ao respeito e a solidariedade (Moizés, 2007).

A finalidade de abordar a educação sexual no âmbito escolar, é para que os alunos possam estimular a sua sexualidade com prazer e responsabilidade, vinculando-se ao exercício da cidadania, com o objetivo de respeitar a diversidade de valores, conhecer o corpo, identificar e repensar tabus (Brasil, 1998).

Brasil (1998) cita resultados de experiências vividas por escolas que levam ao seu currículo o estudo da educação sexual:

“Experiências bem-sucedidas com Educação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornar-se assunto de reflexão” (Brasil, 1998, p. 300).

Para o indivíduo, o ambiente escolar é responsável por várias etapas da sua vida, é nela que ele é capaz de compreender atitudes e habilidades que são voltadas para suas experiências do dia a dia. São essas conquistas, que guiam o estudante no reconhecimento e expressão de suas vontades, e o ajudam na reflexão do seu papel como colaborador da mudança social.

É importante o trabalho da educação sexual na escola, o auxílio aos alunos quanto à falta de informação; evitar que confundam liberdade sexual com promiscuidade; superar medos e preconceitos; para despertar do bem-estar sexual; para ajudar na formação da identidade; abrir canais de comunicação; e para repensar valores. A escola deve também criar debates que possam questionar assuntos impugnados como a homossexualidade, o aborto, a virgindade e os preconceitos sexuais vigentes (Costa, 2012).

A introdução da educação sexual na escola pode vir atender uma atitude de transformar um assunto que antes era visto como tabu, em uma alternativa possível de tratar os temas de anseios humanos, educando para a vida e para a humanização do indivíduo, seguindo o ideal de uma educação independente (Silva, 2010). O autor ainda afirma que, quando se trata de educação sexual frisa um programa de ações continuadas de práxis pedagógicas, não se

tratando apenas de palestras e filmes sobre o assunto, mas a introdução de temas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis (DST), a gravidez indesejada e o abuso sexual, infiltrados num conteúdo de disciplinas ou séries, capaz de promover o reconhecimento individual e coletivo, e assim exercer a cidadania de forma qualificada.

O estímulo do ensino à educação sexual é um processo de intercalar e unir conteúdos e questões voltadas para a sexualidade, o gênero, a gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, masturbação, aborto, iniciação sexual, valores sociológicos, psicológicos e fisiológicos. Para Altman (2001):

“A escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo. Esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de auto disciplinamento e autogoverno exercido pelos sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento continuado e produtivo desses sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero” (Altman, 2001, p.578).

Manifestações da sexualidade também acontecem no âmbito escolar e é preciso que a escola se posicione clara e consciente, esclarecendo limites e proporcionando no espaço escolar a explicação de dúvidas e curiosidades sobre o tema. É necessário levantar e discutir questões reais sobre a convivência em comunidade e articular em seu contexto, dando sentido aos conteúdos tradicionais, evitando possíveis preconceitos e pensamentos moralistas. O debate franco e honesto, abre espaço para os momentos de reflexão, como parte do processo de formação educativa de todos os envolvidos (Brasil, 1998).

É esse dispositivo pedagógico que constrói e transmite experiências que as pessoas têm de si, que modifica as relações que a escola estabelece. A intenção da meta educativa é contribuir para o esclarecimento aos alunos, não só sob a questão das práticas preventivas e do controle de natalidade, mas fazer desses indivíduos, cidadãos auto educados para a sexualidade. Evita-se dessa forma uma vida sexual irregular, que pode comprometer seu futuro através de uma gravidez precoce, ou de doenças como a aids e outras DST's (Altman, 2001).

Visto que, a Educação Sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade, promovendo o espaço de acolhimento e reflexão das dúvidas, valores, atitudes e informações (Santos, 2001), as aulas de Educação Sexual, devem igualmente serem participativas e dialógicas. Dentro de um contexto sociocultural.

Alguns educadores, tratam o assunto apenas com uma visão biológica. A esse despreparo para trabalhar com as questões da sexualidade na escola, pode-se imaginar uma

educação familiar mais anti sexual e opressora, além de uma formação limitada para lidar com a temática na academia. Portanto, é necessário que o currículo atenda às necessidades dos alunos e professores, na compreensão dos aspectos sexuais da sociedade da qual vivem (Tonatto & Sapiro, 2002).

É notório o despreparo de tais profissionais para discutir a temática, pois não se mostram à vontade para alavancar discussões e reflexões mais interessantes e aprofundadas sobre a sexualidade. Com essa ocorrência, conseqüentemente resulta no reducionismo biológico e na promoção da saúde como um todo (Moizés, 2007; Jaques, 2012).

“A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa. Isso porque na relação professor-aluno o professor ocupa lugar de maior poder, constituindo-se em referência muito importante para o aluno. A emissão da opinião pessoal do professor na sala de aula pode ocupar o espaço dos questionamentos, incertezas e ambivalências necessários à construção da opinião do próprio aluno” (Brasil, 1998, p. 302).

O debate na escola diferencia-se de outros âmbitos, pois além de difundir um trabalho docente coletivo, intencional, sistemático e contínuo, ainda pode promover a descoberta do conhecimento científico com adequadas medidas de prevenção para saúde (Silva, 2010).

Portanto, é importante que o educador adquira formação adequada para tratar de sexualidade com crianças e adolescentes na escola, conquistando uma atitude mais profissional e consciente sobre o tema. É a partir de uma boa formação, que os professores passam a compreender as suas próprias dificuldades, como refletir as questões teóricas envolvidas, certos tabus, leituras de casos e discussões em volta da sexualidade. A formação deve ser continuada e sistemática. É preciso ainda que os docentes, reconheçam os valores que regem seu comportamento e orientam a sua visão de mundo, para que possam compreender os valores pluralistas que fomentarão as condições favoráveis para seu esclarecimento e domínio de informações (Brasil, 1998).

É normal que escolas e professores se deparem com dificuldades na implantação de práticas pedagógicas referentes à educação sexual. Em geral não há um espaço apropriado para tais debates. Falta material didático adequado e um corpo docente capacitado (Jaques, 2012).

É igualmente observável a necessidade de educadores que busquem melhorar suas competências para tais intervenções, seja tentando melhorar sua comunicação, ou na criação de oportunidades, dentro de outras diversas disciplinas, de falar sobre sexualidade (Reis *et al.*,

2012). Mas o que se observa, na maior parte das escolas, é o despreparo dos educadores, ao explicar sobre educação sexual, fazendo uso da biologização da sexualidade, que, em muitas situações, convidam um profissional da saúde para tratar do assunto (Jaques, 2012).

Tratar a sexualidade como um vínculo biológico, priva o alunado de entender a influência de outros fatores como o psicológico, social, histórico e cultural (Tonato & Sapiro, 2002).

Britzman (2000) afirma que, para a promoção da saúde como um todo seja equiparada na educação é necessário que os professores compreendam seus próprios conceitos sobre sexo, que se tornem abertos para explorar suas curiosidades, e assim possam formular questões capazes de estudar os processos que a sexualidade constrói no indivíduo.

Quando se coloca a temática sexualidade em pauta, geralmente se pensa no professor de Ciências para abordar tal tema, já que na sua formação acadêmica, é a que mais estuda o corpo humano e, as aplicações biológicas. Costa (2012) afirma que outras disciplinas podem tratar a temática, podendo discutir todas as dimensões que envolvam a sexualidade. O autor ainda ressalta que, não importa a área do educador, os professores como um todo, devem dispor para um trabalho conscientizado sobre a educação sexual, de forma dinâmica e renovada.

Segundo Silva & Carvalho (2005), é necessário que o professor extrapole a relação estabelecida entre professores e alunos. De início, é preciso ganhar a sua confiança, estabelecendo um vínculo afetivo, para que eles se sintam à vontade para discutir sobre o tema. O planejamento da aula em si é de fato importante para que possam atender o interesse de cada turma.

O bom currículo na escola conduz ao entendimento da importância da saúde sexual e reprodutiva, conscientizando a importância de ações preventivas (Altman, 2001).

As modificações na estrutura do planejamento curricular influenciam diretamente na relação ensino-aprendizagem. O ensino brasileiro parece impossibilitar um trabalho diferenciado, pois foca em princípios e objetivos que não tratam de forma eficaz a realidade do indivíduo. Leva-se em conta que, cada escola tem a sua identidade e pode trabalhar de forma diferenciada as várias ações, nem sempre em sintonia com os PCNs (Tonato & Sapiro, 2002).

Para mobilizar uma maior motivação para o tema é necessário conduzir um plano de aula com uma pedagogia problematizada, capaz de lidar com questões da sexualidade na escola. Uma abordagem construtivista, voltada para indivíduos plenos e plurais seria ideal

(Moizés, 2007).

Enfatiza-se, pois, que a educação sexual é norteadora, no sentido de prevenir os problemas relacionados com a sexualidade, sendo a escola o melhor espaço para abordar o tema. Neste lugar, professores devem estar preparados e motivados para produzir ações formativas e informativas diante do aluno.

1.3.1. A Educação sexual nas orientações curriculares e as políticas educativas no Brasil

O modo como os indivíduos se comportam sexualmente tem sido objeto de análise e de diferentes intervenções políticas governamentais, no que se trata da saúde individual e coletiva. Questões sobre o controle da natalidade, do crescimento demográfico, a moralidade do indivíduo, dentre outros, tem se configurado como um problema de saúde pública. Dessa forma, inserir esse tema na escola, implica a necessidade de mudanças no comportamento sexual de crianças e adolescentes. Assim a sexualidade adolescente coloca em evidência a necessidade de um investimento político e estrutural dos gestores governamentais, para com a escola, tornando-as num ambiente privilegiado para essa tal intervenção (Altman, 2003).

Partindo desse pressuposto, em 1996, consolidou e ampliou a participação do poder público ao que se refere seu dever de garantir a educação para todos, surgiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, voltada para a construção de recursos humanos na área da educação, para que fossem conduzidas ações preventivas voltadas para às DST, Aids e uso de drogas, buscando investir em metas da educação para o exercício da cidadania (Costa, 2012).

No intuito de investir, junto a LDB, visando: a) o espaço educacional como ambiente capaz de modelar as situações de saúde relacionadas a sexualidade, b) a busca de melhor organizar as atividades dos educadores na escola, c) aprimorar a prática pedagógica com sensatez, c) facilitar o planejamento do currículo, d) promover um aperfeiçoamento na seleção de materiais didáticos e tecnológicos para trabalhar no campo educacional e e) conduzir a organização do sistema de ensino e da equipe pedagógica escolar, sucedeu-se uma grande conquista que foi o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, e os Temas Transversais para o nível fundamental, entre 1997 a 1998. Os PCN foram produzidos buscando formar referências nacionais comuns no âmbito educacional para todo o país (Costa, 2012).

O Objetivo foi abordar e resgatar a cidadania, a igualdade de direitos e a participação ativa do cidadão no meio social, aplicando no espaço educacional, temas de forma transversal, no currículo. O contexto dos conteúdos transversais aparece como um eixo norteador, sugerindo que, a aprendizagem esteja ligada às necessidades básicas e vitais da população (Leonello & L'Abbate, 2006).

De acordo com os PCNs a Educação sexual passa a ser discutida como um tema transversal entre todos os professores, independente da sua formação. A transversalidade admite a necessidade de o professor dominar, tanto a disciplina da sua formação, como o conhecimento de outras disciplinas curriculares, considera que ele deve ter habilidade diante de temas específicos, diferentes dos quais não está habituado trabalhar e que não coincidam com sua formação (Moizés, 2007).

Outros autores colocam que, a proposta da transversalidade propõe que este tema possa ser trabalhado, intercalando com matérias curriculares tradicionais, na tentativa de que esteja presente, praticamente em todas as áreas, proporcionando a junção dos conteúdos com os temas da atualidade (Leonello & L'Abbate, 2006; Silva, 2010).

Os PCN trazem consigo uma abordagem significativa sobre a sexualidade humana e todos os assuntos que lhes pertencem como: o ato sexual e seus elementos fisiológicos, o conhecimento do corpo, a distinção da heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade, as doenças sexualmente transmissíveis, a violência sexual, o aborto, a gravidez precoce e a compreensão sexual física e psicológica (Jaques, 2012).

A sexualidade abordada no currículo educacional promove a capacidade de organizar conhecimentos e materializar determinadas narrativas sobre o indivíduo e a sociedade. Os PCN esclarecem que ao abordar doenças sexualmente transmissíveis, os professores não devem ligar entre sexualidade e doença ou morte, mas instruir informações acerca da promoção da saúde e de medidas preventivas (Altman, 2001). O tema que deve ser tratado em sala de aula é diferente de como a mídia expõe, como exemplo: “A aids mata”, quando o correto é instruir que: “a aids pode ser prevenida” (Brasil, 1998).

A implementação da sexualidade no currículo a partir dos PCN foi uma grande conquista, embora não implique em se afirmar que a permanência no currículo será trabalhada em sala de aula, expondo posicionamentos, questionamentos e reflexões sobre o tema (Jaques, 2012).

Segundo os PCN as escolas devem refletir e discutir sobre o ensino atual, ampliando o conceito de sala de aula como um espaço social de aprendizagem, dando importância aos

temas sociais, a contextualização dos conteúdos na sequência do currículo (Tonatto & Sapiro, 2002).

Nos PCN as discussões sobre educação sexual abrangem a ação da escola, como complementar, à educação instruída pela família. Dessa forma, caberá a escola, informar a família sobre o contexto pedagógico e, a proposta curricular voltada para abordar o tema. Conseqüentemente, a sexualidade deixa de ser tabu, contando com o apoio dos pais (Brasil, 1998).

Para trabalhar aliado aos PCN, a LDB também retrata sobre a parceria família, aluno e escola. A última promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, foi a Lei Federal nº 9.394, aprovada em 20 de dezembro de 1996, destaca em seus primeiros artigos o desenvolvimento do educando, articulando vários aspectos, como: a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência, dentre outros indispensáveis à formação integral do indivíduo, prosseguindo no artigo segundo:

“Art. 2º A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LDB – Lei nº 9.394/96, Art. 2º).

O processo educacional é uma importante iniciativa no exercício da cidadania, procedendo em conjunto com a família, e as propostas do estado. Por isso a importância dos Temas Transversais, provenientes dos PCN. Esses são inseridos, para se instigar a discussão sobre Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, e Educação Sexual. Encaixados normalmente nos diversos eixos temáticos. A ideia é tentar conduzir a um compromisso dos educadores, instigando-os ao diálogo e a uma visão mais crítica sobre a sociedade (Costa, 2012; Silva, 2010).

A formação da cidadania partindo-se dos temas transversais, objetiva a construção integral do ser humano, sem passar despercebidos as disciplinas curriculares. Com esse método de trabalho, o resultado é uma postura dos professores, que devem não só, considerar a realidade escolar como algo do cotidiano de todos, como também a serem trabalhados no interior dos conteúdos. Neste caso, visando despertar a autonomia na vida cotidiana, maneiras de conviver e de conhecer a educação sobre a afetividade (Moizés, 2007).

Como visto, os PCN voltados para a educação sexual afirmam que os fatores biológicos, sociais, culturais e de prazer, associados aos campos psíquicos e sociais, estão enredados com a sexualidade, afirmando que a sexualidade não é somente uma dimensão

biológica, mas um processo mais complexo (Costa, 2012).

Moskovics e Calvetti (2008), afirmam que o Ministério da Saúde brasileira tem investido numa proposta educativa no campo da prevenção às DST/AIDS junto a adolescentes que defendem a problematização da sexualidade, buscando à capacidade de não só conhecer sobre o tema, mas preparar o adolescente para a crítica, a reflexão e a transformação.

A Lei n° 120/99, de 11 de agosto de 1999, preconiza que os estabelecimentos de ensino básico e secundário seja implementado um programa para a promoção da saúde e da sexualidade humana, no qual será proporcionada adequada informação sobre a sexualidade humana, o aparelho reprodutivo e a fisiologia da reprodução, SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos e o planejamento familiar, as relações interpessoais, a partilha de responsabilidades e a igualdade de gêneros (Brasil, 1998).

Partindo-se dessa norma, parece necessário que as estratégias educativas busquem uma metodologia participativa. Um discurso pedagógico voltado para a realidade do indivíduo, permitindo a troca de opiniões sobre todos os âmbitos da sexualidade (Jaques, 2012).

Quando se trata da sexualidade nos PCN, para que ocorra um trabalho audacioso, é necessário que haja profissionais preparados, e isso não é comum. Na formação de professores, eles normalmente não recebem instrução suficiente para discursar sobre a sexualidade (Moizés, 2007).

Em resumo, a formação de professores para atender a disposição legal da transversalidade curricular dos conteúdos de Educação Sexual é uma atribuição do estado, como responsável não só pela formulação das políticas educacionais, mas também pelos planos e projetos governamentais, no que tange ao direito à educação e ao dever de educar (Silva, 2010). Visto que sendo de responsabilidade do estado a preparação de políticas públicas para o auxílio do cumprimento dos deveres dos professores, no que se refere a necessidade e importância de contemplar a transversalidade no currículo escolar, é também de essencial importância que as escolas acatem as políticas públicas e as façam valer, priorizando a educação como um todo, desde o ensinar na sala de aula, a aceitação das famílias, o comprometimento dos professores e o aprendizado dos alunos. As escolas que buscam exercer sua capacidade de expor no seu currículo a transversalidade de um currículo bem preparado e praticado só tem a ganhar e elevar seu nível de ensino (Brasil, 1998).

Para um trabalho detalhado é preciso que o educador se planeje quanto aos conteúdos dentro da temática, e que estes possam adequar-se ao currículo, nos assuntos. Para isso, os

PCN propõem uma divisão de blocos de conteúdos para o trabalho com o tema sexualidade, em que devem ser ministrados por diferentes disciplinas, são eles: “Corpo matriz da sexualidade” em que abordará o conceito de organismo e corpo, construindo noções, figuras, conceitos, e valores voltados para o corpo e incluídos na sexualidade. Cada disciplina abordará no seu contexto, por exemplo, a disciplina de História, pode debater sobre a inclusão de como a sexualidade é vivida em diferentes culturas; em Educação Física, pode-se destacar o corpo e a construção de uma “cultura corporal”. Nas “Relações de gênero”, tem a finalidade de contestar relações autoritárias, discutir os padrões de conduta impostos para homens e mulheres, e seguir para sua transformação, uma das disciplinas que pode abordar esse bloco é a Língua Portuguesa que trataria nos textos literários com o reconhecimento dos personagens e a caracterização dos mesmos; em Artes é possível tratar das discriminações. Outro bloco sugerido é a “Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis”, que busca promover o cuidado com a própria saúde e a dos outros, um exemplo de uma disciplina que pode trabalhar o tema é a de Ciências Naturais, que pode abordar os métodos contraceptivos e as características científicas das doenças (Brasil, 1998).

Altman (2001) justifica que, os PCN estão sendo usados por professores em grande escala nas escolas, e que ainda há um crescimento das produções bibliográficas, livros didáticos e livros para a orientação de docentes, em volta dos temas transversais. Os parâmetros curriculares nacionais transmitem que a educação sexual tem identidade informativa em relação a visão de sexualidade, abordam de como entender o corpo, a “matriz da sexualidade” e a esta educação deve ser estimulada na escola.

Outro documento oficial que trata das políticas públicas, são as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), criada em 1988. As DCN são definições relativas a princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica, criada pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de educação, formada com o intuito de orientar as escolas brasileiras na organização de suas propostas pedagógicas.

As DCN indicam que devem ser as próprias escolas a preparar seu projeto pedagógico, contemplando os PCN.

As diretrizes do documento orientam as escolas, que devem integrar às suas propostas, relações com o meio social, conduzindo os alunos que construam identidades como cidadãos, com atividades solidárias e autônomas.

Na temática sexualidade para o ensino fundamental, atribui o reconhecimento de identidades pessoais, diversidades masculina e feminina. Objetiva reverter o quadro de

exclusões e discriminações pelo racismo, sexismo e preconceitos étnicos e culturais ocorridos no âmbito escolar (Costa, 2012).

Outra importante política educativa que reconheceu na educação um ambiente de relações sociais, e um espaço para promover a saúde dos educandos, foi o Programa Saúde na Escola – PSE, criado em 2007, que busca propiciar a interação entre profissionais de saúde e a educação.

As ações do PSE abrangem a avaliação das condições de saúde; a promoção da saúde e a prevenção; a capacitação e uma educação permanente; e o monitoramento da saúde dos estudantes e dos membros do PSE (Jaques, 2012).

O objetivo do PSE é promover a saúde dos participantes, por meio de ações voltadas para educação da saúde sexual, reprodução, prevenção das DST, diversidade sexual, gravidez precoce. Organizando essas ações na escola, com o auxílio das unidades básicas de saúde, da sociedade civil e dos parceiros locais (Jaques, 2012).

Como visto, tanto as ações dos PCN, LDB, DCN e PSE buscam metodologias que visam orientar atividades que regem a saúde, e destaca a sexualidade humana no espaço escolar, desenvolvendo currículos íntegros, privilegiando educadores e educandos com conhecimentos coerentes, acerca dos fatores sociais, físicos, sexuais e fisiológicos, investindo na construção de uma cidadania ética e certa dos seus valores.

Os princípios impostos nestes documentos aqui citados, deixam livres Estados e Municípios para que possam integra-los aos seus projetos pedagógicos, abordando os eixos de forma a respeitar as necessidades da comunidade escolar. Portanto, é necessário que os PCN sejam revistos e introduzidos cada vez mais no projeto pedagógico das escolas, sensibilizando alunos e docentes no estímulo ao conhecimento responsável a respeito da sexualidade.

CAPÍTULO II – PROBLEMÁTICA/OBJETIVOS

2.1 Problema da pesquisa

Desde épocas antigas que a sexualidade vem gerando alguma polêmica, mexendo com fantasias, por vezes associada a coisas inconvenientes ou impróprias. Apesar da revolução sexual, do crescimento das comunicações e do processo de globalização que vêm impactando diversas modificações, inclusive culturais, as questões ligadas à sexualidade e ao sexo parecem ser ainda um tabu.

Os estudos da sexualidade, dizem respeito ao crescimento global do indivíduo, nos diversos planos, seja físico, intelectual, afetivo-emocional ou sexual propriamente dito. A maioria dos pais ainda consideram constrangedor conversar sobre sexo com os jovens. Ora pela educação recebida dos familiares, ora por não saberem como abordar o tema. Dessa forma, os filhos na maioria das vezes, não obtêm suas respostas para as dúvidas. Essa situação tende a gerar conflitos ou colocar o jovem em situações constrangedoras e /ou inesperadas por informações errôneas na consulta a fontes inadequadas (Silva & Carvalho, 2005).

A maior parte dos adolescentes, normalmente passam seu tempo na escola, local onde começam a se sociabilizar, e onde ocorre o afloramento de sua sexualidade, por conta do desenvolvimento corporal normal. A escola é o ambiente onde ocorrem as interações com o mundo e com as pessoas do cotidiano. Depois do ambiente familiar é na escola que se complementa a educação familiar e, onde são abordados determinados temas de maior complexidade, a exemplo da sexualidade.

Há, pois, uma grande responsabilidade dos professores na formação afetiva e emocional dos alunos, muitas vezes pairando dúvidas sobre qual o papel da escola frente a essa temática tão complexa? Certamente que a escola não deve tomar o lugar da família, porém, cabe a ela possibilitar uma aprendizagem mais adequada, já que é papel desta instituição, o crescimento do indivíduo como um todo.

A educação sexual inicialmente acontece no seio familiar. É uma experiência pessoal carregada de valores e atitudes transmitidas pelos pais e, por pessoas significativas para o indivíduo e que o cercam desde bebê. Já no que se refere à educação sexual ela é também trabalhada na escola, através de reflexões e discussões de temas que, em muitos casos, não tem espaço na família. Na escola, a educação sexual é mais formal e sistematizada, e constitui uma proposta objetiva de intervenção, por parte dos docentes.

Cabe-nos refletir acerca da importância da Educação sobre a sexualidade na Escola para a construção de uma cidadania, que propicie maior liberdade, sem falsos moralismos. O

trabalho de Educação Sexual, visa mudanças de padrões de comportamento, que levam em conta pelo menos três aspectos fundamentais: a) a transmissão de informações de maneira séria e verdadeira; b) a reflexão sobre preconceitos; e c) sua influência afetivo-emocional.

Neste sentido, as representações sociais dos professores sobre sexualidade têm um papel fundamental, no modo como decorre a abordagem de tais conteúdos, de forma a evitar enviesamentos, levando os jovens a uma maior confusão. O professor de Educação Sexual precisa ser uma pessoa aberta, livre de preconceitos e mitos referentes à sexualidade, de forma a melhor administrar a turma, sem imposição de pontos de vista arcaicos ou libertinos demais, podendo abordar os assuntos através de aulas dinâmicas e criativas. O trabalho também não precisa necessariamente envolver nota ou reprovação.

Diante do exposto e da importância da postura e percepção dos professores sobre a sexualidade, neste processo, funcionando em muitos casos como um conselheiro, nos indagamos: Quais os sentimentos e as Representações Sociais de sexualidade, em professores dos anos finais do Ensino Fundamental nas escolas públicas de Simões-PI? Quais os recursos adotados pelos mesmos para lidarem com o tema sexualidade em sala de aula? Quais as propostas dos professores para lidarem com essa temática no cotidiano escolar?

2.2 Objetivo Geral

Analisar os sentimentos e as representações sobre o tema da sexualidade, em professores dos anos finais do Ensino Fundamental nas escolas públicas de Simões-PI;

2.3 Objetivos Específicos

- a)
- a) Conhecer as representações dos professores sobre o tema - sexualidade;
- b) Identificar os sentimentos dos professores ao lidarem com o tema sexualidade nos anos finais do Ensino Fundamental;
- c) Conhecer os recursos adotados pelos professores, para trabalharem a temática da sexualidade na sala de aula;
- d) Conhecer as propostas dos professores para lidarem com a temática sexualidade, no cotidiano escolar;

- e) Conhecer o modo como os alunos se manifestam quando trabalham a temática da sexualidade em sala de aula.

CAPÍTULO III – MÉTODO

3.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo quali-quantitativo. Os dados se originaram de fonte direta do ambiente natural. As informações foram descritas na forma como se apresentaram e posteriormente registradas, classificadas, interpretadas e analisadas indutivamente, visando conhecer as Representações Sociais de sexualidade em professores dos anos finais do Ensino Fundamental, nas escolas de Simões – PI.

Para Terence e Escrivão Filho (2006), a utilização das duas abordagens, quantitativa e qualitativa, pode ser justificado, pela eficácia em se conseguir atingir o objetivo da pesquisa. Minayo (2012), refere que, a utilização da pesquisa qualitativa, ajuda a responder a questões particulares, que, de outra forma, não seria possível. Isto é, a pesquisa qualitativa utiliza a análise dos significados, dos motivos, das percepções, valores e atitudes.

Kauark, Manhães e Medeiros, (2010), nos informam que, a abordagem qualitativa é sempre marcada por maior riqueza de descrições. Partem de dados coletados em campo, e que são analisados de forma mais indutiva. O interesse, neste caso, é mais voltado para o processo de investigação, das relações presentes no processo. Importa que possamos entender a realidade, da forma como ela se apresenta para os sujeitos e compreender o sentido que estes dão às suas vidas.

Já no caso da pesquisa quantitativa, esta, tende a considerar o que pode ser mensurado e quantificado. Significa, assim, poder traduzir em números, as informações coletadas, para só depois, classificá-las e analisá-las (Kauark, Manhães & Medeiros, 2010).

A opção por empregar esse ou aquele método é do pesquisador e da natureza da pesquisa em si. Às vezes, torna-se necessário uma combinação dos métodos, de maneira que se possa contribuir para o enriquecimento da análise (Neves, 1996).

3.2 Lócus da Pesquisa

O campo da presente pesquisa foi o município de Simões, Estado do Piauí, Brasil, mais precisamente 08 (oito) escolas municipais do Ensino fundamental II, a saber: o Centro de Educação Municipal CEM - localizada no perímetro Urbano Centro com 542 alunos e 15 professores do ensino fundamental II (censo escolar 2015); a Escola Eustáquio Carvalho – localizada no perímetro Rural a 18 km da sede com 344 alunos e 13 professores do ensino fundamental II (censo escolar 2015); a Escola Municipal 7 de Setembro – localizada na Rua

José Dias com 171 alunos e 10 professores do ensino fundamental II (censo escolar 2015); a Escola Érico Verissimo, localizada na zona rural BR PI com 490 alunos e 19 professores do ensino fundamental II (censo escolar 2015); a Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro localizada no Povoado Curralinhos à 20km da sede, com 235 alunos e 10 professores do ensino fundamental II (censo escolar 2015); a Escola Municipal São Luis localizada na Comunidade Retiro III a 18km da sede, com 209 alunos e 10 professores do ensino fundamental II (censo escolar 2015); o Complexo Escolar Modelo localizado na Rua José Carvalho, com 235 alunos e 12 professores do ensino fundamental II; a Escola Municipal Padre José Medeiros localizada no Povoado Monte Santo à 70km da sede com 300 alunos e 10 professores do ensino fundamental II (censo escolar 2015).

O Centro de Educação Municipal – CEM, localiza-se na Rua Josino Bartolomeu de Carvalho, 242, no Centro, Simões-PI. Começou suas atividades em 1996, para atender a crescente demanda municipal. Iniciou com duas turmas de 1º ano, antes, Alfabetização.

Hoje a Escola funciona em dois turnos, manhã e tarde. Com aproximadamente 542 alunos, atua nas modalidades: Ensino infantil e Ensino fundamental I e II – até o 9º ano. É atendida pelos programas do governo Federal: O “Mais Educação” e o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência), vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial e UAB. Em termos de recursos humanos, conta com um diretor, três coordenadoras, uma secretária, duas auxiliares de secretaria, 15 professores do ensino fundamental II e 15 professores do ensino infantil e fundamental I, todos especialistas e estatutários, três vigias e cinco merendeiras. Fisicamente é uma Escola grande ou médio porte, são dezesseis salas de aula, um pátio, uma quadra de esportes (aberta), um auditório, um refeitório (em andamento), sala de estar para os professores, direção e Secretaria. Conta também com uma bateria de banheiros masculino e feminino, além de um Espaço para Pesquisas, equipado com biblioteca, computadores, televisão e datashow.

No caso da Escola Eustáquio Carvalho, esta funciona no perímetro rural, mais especificamente no Povoado Maria Preta a 18 km da sede. Fundada em 1999. Trata-se de uma escola que funciona em dois turnos, atendendo turmas do ensino infantil ao ensino Fundamental I e II até o 9º ano, é atendida, também pelo Programa do governo Federal “Mais Educação”. A clientela dessa Escola é toda proveniente das localidades vizinhas - (filhos de agricultores), de um assentamento de terras - (famílias de diversas localidades) e de uma comunidade remanescentes de Quilombolas. Em termos de estrutura física, possui 12 salas de aula, uma sala para diretoria e secretaria, sala de professores, cozinha, almoxarifado, dois

pátios cobertos, um laboratório de informática e uma biblioteca. Não comporta acesso a internet. Dados do Censo escolar (2015) informa que a escola conta com 42 funcionários, no total.

A Escola Municipal 7 de Setembro, localizada a Rua José Dias, nº 210, Centro, Simões-PI. Iniciou suas atividades em 1969, ganhando o título de uma das primeiras escolas municipais. Hoje a Escola funciona com dois turnos, manhã e tarde. Com aproximadamente 171 alunos, atua nas modalidades de ensino I e II. É atendida pelo Programa do governo federal: Mais Educação. É uma escola que tem ganhado destaque na cidade por possuir uma boa qualidade de ensino. No seu Projeto Político Pedagógico – PPP abrange a área da Educação Sexual como uma forma de informar os alunos em relação aos cuidados com o corpo. Possui 10 professores do ensino fundamental II e 08 do ensino infantil e fundamental I, todos especialistas e estatutários, ainda uma diretora, três coordenadoras, uma secretária e um auxiliar de secretária, dois vigias, duas zeladoras e duas merendeiras. É uma escola de pequeno porte, com seis salas de aula, três banheiros, uma sala de professores, uma diretoria, uma secretária, um almoxarifado e uma sala de informática.

A Escola Municipal Érico Veríssimo, localiza-se na zona rural, no Povoado Serra dos Cláudios, frente a BR PI, à 12 km da sede. A Escola foi fundada em 1983. Nos dias atuais, a escola funciona nos dois turnos, manhã e tarde. Com aproximadamente 490 alunos, acontece as modalidades: ensino infantil e fundamental I e II. É inserida no Programa Mia Educação do governo federal. Contam com 19 professores do ensino fundamental II e 11 professores do ensino infantil e fundamental I, todos especialistas e cerca de 80% estatutários, ainda possui um diretor, dois coordenadores, uma secretária, dois auxiliares de secretária, ainda três vigias e seis serviços gerais. É uma escola de grande porte, possui 13 salas de aula, uma sala de estudos, uma sala de informática, duas salas de professores, uma secretária, uma diretoria, uma cantina, um pátio, seis banheiros e dois almoxarifados.

A Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é localizada na zona rural do município de Simões-PI, na comunidade Curralinhos, a 20 km da sede. A Escola foi fundada em 1999 para atender às necessidades das pessoas que moram naquela região, que assim buscam na educação uma esperança para suas vidas futuras. Hoje a escola funciona com as modalidades: da Educação Infantil ao ensino fundamental I e II. É assistida com os programas do governo federal: Mais Educação e Projovem Campo. Possui num total de 235 alunos, 10 professores do ensino fundamental II e 06 professores da educação infantil e fundamental I, 01 diretora, 01 coordenadora, 01 secretária e uma auxiliar de secretária, todos especialistas,

apenas os professores e a diretora são estatutários. Os demais professores são contratados e para completar seu corpo docente possuem 03 vigias, 03 zeladoras e 03 merendeiras. A Escola é de médio porte, possui 8 salas de aula, 01 biblioteca 01 sala de multimídia com internet, 01 cantina e um pátio para recreação.

A Escola Municipal São Luis, localiza-se na zona rural numa comunidade chamada Retiro III, a 18km da sede. A Escola foi fundada em 1999 em função das famílias daquela região possuírem assistência educacional. Hoje a Escola funciona com três turnos, manhã, tarde e noite. Com aproximadamente 209 alunos, atua nas modalidades: educação infantil, ensino fundamental I e II, e EJA- Educação de Jovens e adultos, dessa forma recebe uma clientela com idades aproximadas de zero a 45 anos de idade. É atendida pelo programa Mais Educação e Projovem Campo. A escola dispõe de uma diretora, uma coordenadora, uma secretaria, uma auxiliar de secretaria e 10 professores do ensino fundamental II e 06 do ensino infantil e fundamental I, todos especialistas e estatutários, ainda conta com três vigias e seis serviços gerais. Fisicamente é uma escola de pequeno porte, com cinco salas de aulas, uma sala de estudo que possui computadores e materiais de multimídia, uma sala de professores, uma direção, uma cantina, um banheiro unissex, um banheiro masculino, um banheiro feminino e uma área de lazer acoplada com a horta escolar. Esta escola possui em seu PPP (Projeto Político Pedagógico) ações voltadas para abordarem conteúdos interdisciplinares e um deles, e o mais citado é o tema: Sexualidade, que busca alertar os jovens da escola, sobre gravidez precoce, cuidados com o corpo e DST's.

O Complexo Escolar Modelo teve sua origem a partir da Creche Modelo fundada em 1990, localizada na Rua José Carvalho, nº 806, centro, Simões-PI. Nos dias atuais a Escola funciona em dois turnos, manhã e tarde. Com aproximadamente 235 alunos, atua nas modalidades: ensino infantil e ensino fundamental I e II. Oferece o programas do governo federal: o Mais Educação e o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), vinculado a Diretoria da Educação Básica da UAB. Em termos de recursos humanos, conta com uma diretora, duas coordenadoras, uma secretaria, três auxiliares de secretaria e 12 professores no ensino fundamental II e 07 no ensino infantil e fundamental I, todos especialistas e estatutários, dispendo ainda de três vigias e quatro serviços gerais. Fisicamente é uma escola de médio porte, são ao total onze salas de aula, um pátio, uma sala de estudos, uma sala de multimídia, dois banheiros masculinos, três banheiros femininos, um banheiro unissex, sala de apoio aos professores, uma direção e três almoxarifados.

A Escola Municipal Padre José Medeiros, fica localizada na zona rural, no povoado Monte Santo, a 70 km da sede. Foi fundada em 1994, por uma junção de outras escolas da redondeza. Nos dias atuais a escola funciona com três turnos, manhã, tarde e noite. Com aproximadamente 300 alunos, atuando nas modalidades do ensino infantil ao fundamental I e II. Conta também com o Programa Mais Educação do governo federal. Os profissionais que fazem a escola somam 10 professores do ensino fundamental II e 09 do ensino infantil e ensino fundamental I, todos especialistas e estatutários, um diretor, uma secretaria, uma auxiliar de secretaria, uma coordenadora, dois vigias e quatro serviços gerais. A Escola é de médio porte, com dez salas de aula, cinco banheiros, uma direção, uma secretaria, uma sala de professores, uma cantina, uma sala de estudos, uma sala de informática e um pátio.

A opção pelas referidas escolas para o presente estudo foi feita por representarem o município, tanto na sede como na zona rural. Levou-se em consideração a facilidade de contato com a direção, receptividade e a boa acessibilidade para a pesquisadora, que antes, já mantinha uma aproximação prévio com as mesmas.

As oito escolas, neste estudo, contam com um total de 101 (cento e um) professores do Ensino Fundamental II. Porém apenas 79 participaram no estudo.

Tabela 1 – Escolas participantes do estudo. Simões, PI, 2015.

| Nome da Escola | Total de Professores atuando no Ensino Fundamental II |
|--|--|
| Centro de Educação Municipal – CEM | 15 |
| Escola Eustáquio de Carvalho | 13 |
| Escola Municipal 7 de Setembro | 10 |
| Escola Municipal Erico Verissimo | 19 |
| Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro | 10 |
| Escola Municipal São Luis | 10 |
| Complexo Escolar Modelo | 14 |
| Escola Municipal Padre José Medeiros | 10 |
| Total | 101 |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Dos 101 professores, 22 não participaram por motivos de desencontro nos dias dedicados à pesquisa.

As escolas participantes deste estudo autorizaram o uso dos seus nomes de maneira explícita, nesta pesquisa.

3.3 Contextualizando a população de estudo

A presente pesquisa foi realizada no mês de novembro de 2014, na cidade Simões município Brasileiro do Estado do Piauí.

Simões – PI é um município que se originou da união de várias fazendas de gado. Era uma antiga rota de transporte de gado para o maranhão que, com o passar do tempo, tornou-se uma estrada para expansão do mercado de venda dos seus produtos junto aos habitantes daquelas localidades.

Trata-se de um município que se localiza a noroeste da Região Nordeste do Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua área territorial é de 1.071,540 km². Como referência, pouco maior que o Reino Unido. Atualmente a sua população é de 14.372 habitantes (Censo de 2013). Geograficamente a sua altitude é de 590 m acima do nível do mar. Tem relevo com predominância de terras altas, serras e chapadas, com um especial destaque para a serra do Araripe, atual área de proteção ambiental (APA).

O clima é tropical, com temperaturas que superam os 30° C. De chuvas escassas e irregulares, baixo índice pluviométrico, não atingindo uma média desejada anual, pois está no centro do polígono das secas do semiárido brasileiro. Por conta de todas essas características, possui duas estações bem definidas (inverno e verão).

As principais atividades econômicas são: Agricultura, avicultura, pecuária, apicultura e mandiocultura. Destaque para a extração do ferro e para o complexo de energia eólica, que se encontra ainda em fase de construção dos seus parques.

Culturalmente o município conta com representações esportivas e festas culturais e religiosas.

O município possui um IDH (Índice de desenvolvimento Humano) de 0, 575, de acordo com censo de 2010. Portanto ainda possui alguma desigualdade social, marcada por um assistencialismo federal e municipal. É vinculado a diversos programas federais, a saber: *bolsa família, bolsa escola, seguro desemprego, seguro safra e salário maternidade*.

São 61 (sessenta e um) anos de emancipação política, e de uma história marcada por fluxo migratório da sua população, principalmente a masculina. Sempre migrando entre as demais regiões do país, geralmente por conta dos períodos de estiagem e/ou de seca prolongada.

A doutrina religiosa maior é o catolicismo, embora conviva com outras.

Com relação à Educação a cidade conta com 4 (quatro) escolas estaduais na área urbana, de ensino fundamental II e médio e, 3 (três) extensões (anexos) de ensino médio na área rural. Na rede privada, há apenas uma escola, que vai do maternal ao fundamental I.

A rede municipal conta com 15 (quinze) escolas ligadas, com 83(oitenta e três salas de aula) sendo 04 (quatro) na área urbana e 04(quatro) na área rural – em vilas e povoados - contemplando do ensino infantil ao fundamental I e II.

A rede municipal de ensino possui um quadro de 190 professores. *Em termos de escolarização dos mesmos, 98% possuem licenciatura plena em diversas áreas do conhecimento e/ou pós-graduação.*

Na modalidade superior, há um pólo presencial Universidade Aberta do Brasil, em convenio com a UESPI – Universidade Estadual do Piauí e a UFPI e Universidade Federal do Piauí, esses na modalidade de ensino à distância, oferecendo cursos de graduações e pós-graduações.

3.4 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram todos os professores que atuam no Ensino Fundamental II de oito escolas municipais de Simões – PI, tanto da Zona Rural como da Zona Urbana e que se disponibilizaram a colaborar na presente pesquisa.

3.4.1. Perfil dos Professores

Para uma caracterização do perfil dos respondentes apresentamos as informações sobre a distribuição da frequência dos respondentes. Estes, lecionam a disciplina de ciências biológicas, como também outras disciplinas da grade curricular, pois se caracterizam como profissionais polivalentes em relação as áreas de docência. Os profissionais entrevistados, lecionam nas turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. A seguir, estão relacionadas a frequência dos respondentes, em relação ao sexo e às idades dos respondentes.

Tabela 2: Distribuição do sexo dos sujeitos da pesquisa

| Sexo | Frequência | Porcentagem (%) |
|-----------------|-------------------|------------------------|
| Masculino | 22 | 27,8 |
| Feminino | 54 | 68,4 |
| Não responderam | 03 | 3,8 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015.

Quanto ao sexo, a amostra demonstrou uma maioria de professores do sexo feminino: 54 (68,4%), sendo 22 do sexo masculino (27,8%). Portanto uma amostra de predominância feminina. Considerou-se importante a informação de gênero, tendo em vista alguns dos achados na literatura tecerem considerações sobre a sexualidade vista de maneira diferente por homens e mulheres (Silva & Carvalho, 2005).

Quanto à Idade dos participantes, passamos a apresentar os dados na tabela 3, a seguir.

Tabela 3: Distribuição das idades, por classe, dos sujeitos da pesquisa.

| Faixa de Idades | Frequência | Percentual (%) |
|------------------------|-------------------|-----------------------|
| Até 20 anos | 02 | 2,5 |
| De 21 a 30 anos | 18 | 22,8 |
| De 31 a 40 anos | 29 | 36,7 |
| De 41 a 50 anos | 26 | 32,9 |
| De 51 a 60 anos | 03 | 3,8 |
| Acima de 60 anos | 01 | 1,3 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015.

As idades variaram de 19 a 63 anos de idade ($Md=37,08$; $Dp=8,661$) com uma grande amplitude, e um grande desvio padrão, e a seguinte distribuição por classes: 2 professores com idades até 20 anos (2,5%); 18 professores com idades entre 21 a 30 anos (22,8%); 29 professores com idades entre 31 a 40 anos (36,7%), 26 professores com idades entre 41 a 50 anos (32,9%), 3 professores com idades entre 51 a 60 anos (3,8%) e, 1 professor com idade acima de 60 anos (1,3%).

Observe-se que são professores numa faixa etária mais madura (92,4% com idades entre 21 e 50 anos). Com o passar dos anos, imagina-se uma maior vivência por acúmulo de experiências, o que tende a implicar em uma percepção mais cuidadosa associada a determinados fenômenos entre os jovens. Inclusive, a tendência de perceber com maior parcimônia questões relacionadas a sexualidade, implicando em considerações mais abrangidas sobre a situação em si (Moizés & Bueno, 2007).

Abaixo a distribuição gráfica das idades, por classe, no gráfico 1.

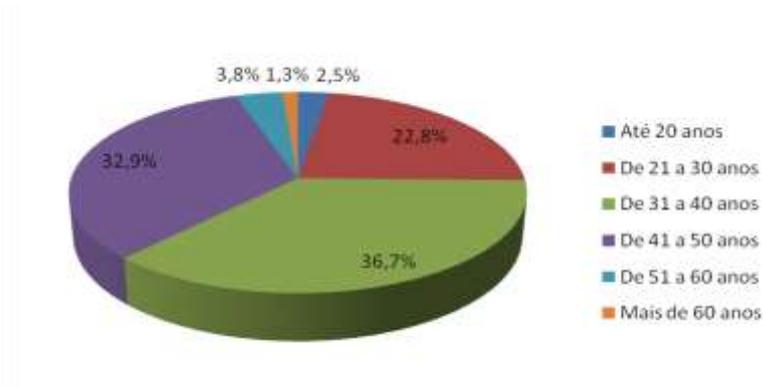


Gráfico 1 – Distribuição das Idades dos sujeitos por classes

O Gráfico 1 mostra que são poucos os professores jovens, na faixa até 20 anos, representando apenas 2,5% dos participantes. Os outros professores totalizam juntos 97,5% das participantes do presente estudo, com mais de 21 anos de idade.

Com relação ao Estado civil, observe-se a tabela 4 a seguir.

Tabela 4: Distribuição do Estado Civil dos participantes da pesquisa.

| Estado civil | Frequência | Percentual (%) |
|----------------------|------------|----------------|
| Solteiro | 26 | 32,9 |
| Casado/União estável | 44 | 55,7 |
| Separado/Divorciado | 9 | 11,4 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015

Quanto ao estado civil, 26 são solteiros (32,9%), 44 são casados ou em união estável (55,7%) e 9 são separados ou divorciados (11,4%). Também nesta questão, pode-se intuir que, uma maioria já esteve em algum tipo de união conjugal,

Na sequência, a distribuição da religião dos participantes da pesquisa.

Tabela 5: Distribuição da pertença religiosa dos participantes da pesquisa

| Religião | Frequência | Percentual (%) |
|-----------------|-------------------|-----------------------|
| Católica | 62 | 78,5 |
| Evangélica | 10 | 12,7 |
| Espírita | 02 | 2,5 |
| Outra | 02 | 2,5 |
| Não respondeu | 03 | 3,8 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015.

São professores católicos, em sua maioria (78,5%), seguindo-se de evangélicos (12,7%), espíritas (2,5%) e outras religiões não especificadas pelos mesmos (2,5%). Três sujeitos não responderam a esta questão.

Acreditou-se importante observar a Escolaridade dos sujeitos, dispostas na tabela 4, na sequência.

Tabela 6: Distribuição da Escolaridade dos sujeitos da pesquisa

| Escolaridade | Frequência | Percentual (%) |
|----------------------------|-------------------|-----------------------|
| Ensino Superior Completo | 72 | 91,2 |
| Ensino Superior Incompleto | 03 | 3,8 |
| Ensino Médio Completo | 02 | 2,5 |
| Não responderam | 02 | 2,5 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015

Com relação à escolaridade, a amostra se comportou da seguinte maneira: 72 dos professores possuía o Ensino Superior completo (91,2%); 3 possuíam Ensino Superior, porém ainda incompleto (3,8%), 2 somente com o Ensino Médio completo (2,5%) e, 2 não responderam a esta questão (2,5%).

Tabela 7: Distribuição do Tempo de docência dos sujeitos da pesquisa

| Tempo de docência | Frequência | Percentual (%) |
|--------------------------|-------------------|-----------------------|
| Até 10 anos | 38 | 48,1 |
| De 11 a 20 anos | 31 | 39,2 |
| De 21 a 30 anos | 05 | 6,3 |
| Maior que 30 anos | 01 | 1,3 |
| Não responderam | 04 | 5,1 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015

Nota-se, pois, uma distribuição relativamente balanceada entre os professores com até 10 anos de experiência (48,1%) e aqueles com mais de 10 anos na docência (51,9%). Entre aqueles com até 10 anos de experiência, somente 7 professores (8,9%) possui 10 anos de experiência, isso implica que 39,2% possui menos de 10 anos de experiência.

Sobre o número de horas trabalhadas por semana, os sujeitos responderam segundo a tabela 8 a seguir.

Tabela 8: Distribuição do número de horas trabalhadas pelos sujeitos da pesquisa

| Número de Turnos de trabalho | Frequência | Percentual (%) |
|-------------------------------------|-------------------|-----------------------|
| 20 horas | 29 | 36,7 |
| 40 horas | 46 | 58,2 |
| 60 horas | 03 | 3,8 |
| Não responderam | 01 | 1,3 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015.

No presente estudo, 3,8% possuem uma jornada de três turnos e 58,2%, uma jornada de dois turnos de trabalho.

Indagados que foram sobre se gostam de atuar no Ensino Fundamental, as respostas foram as seguintes:

Tabela 9: Distribuição dos Professores sobre se gostam de atuar no Ensino Fundamental.

| Gosta de atuar no Ensino Fundamental? | Frequência | Percentual (%) |
|--|-------------------|-----------------------|
| Sim | 65 | 82,3 |
| Não | 12 | 15,2 |
| Não respondeu | 02 | 2,5 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015

Quanto a gostarem de atuar no Ensino Fundamental, 82,3% responderam que sim e, 15,2% responderam que não. Dois professores não responderam a esta questão (2,5%).

3.5 Instrumento da Pesquisa

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um questionário, elaborado para o propósito deste estudo tendo por base a revisão teórica sobre o tema em estudo.

O questionário é um recurso de coleta de dados, que se baseia, geralmente, na investigação de um grupo que é representativo da população em estudo. Trata-se especificamente de um conjunto de perguntas, que são ordenadas de acordo com um critério predeterminado, e que deve ser respondido sem a presença do entrevistador (Jaques, 2012).

3.5.1 Questionário

Segundo Gil (2008), o questionário é um instrumento muito útil de coleta de dados, por ser de acesso rápido e direto às informações acerca do tema selecionado pelo pesquisador,

Considera-se uma ferramenta importante pela facilidade no alcance dos objetivos. Permite respostas diretas dos sujeitos. Optou-se por essa estratégia por ser de mais fácil e rápida a sua utilização.

Silva e Menezes (2005) nos orientam que, o questionário precisa ser elaborado com as seguintes características: objetividade, limitado em extensão e com instruções claras para os sujeitos. O questionário é uma forma que possibilita maior exatidão naquilo que se pretende investigar.

Neste estudo, o questionário contemplou perguntas sobre as características dos respondentes, tais como escola, sexo, idade, estado civil, religião, escolaridade, tempo de

docência, horas trabalhadas por semana. Também contempla perguntas sobre os sentimentos dos docentes, a exemplo: *Gosta de atuar no ensino fundamental? Se pudesse, mudaria de profissão? Como se sente ao tratar o tema sexualidade com os seus alunos?* Foram colocadas ainda outras questões que pudessem revelar as percepções sobre o trabalho pedagógico dos professores na temática sexualidade. Damos como exemplo: *Quando eu falo a palavra sexo, quais as três palavras que lhe vêm à cabeça? O que representa sexualidade para você? Cite ao menos três palavras.* Adicionalmente questionou-se os participantes sobre os recursos didáticos adotados pelos professores para tratar a temática em questão e as suas propostas para melhorar as aulas sobre sexualidade no Ensino Fundamental. Colocou-se também uma questão sobre a preparação dos professores para trabalhar o tema da sexualidade na sala de aula e, como é que os alunos se manifestam, quando se trabalha este tema ou temas afins.

3.6 Procedimentos da Pesquisa

Inicialmente foi feito um contato com os diretores das escolas como forma de se obter uma autorização para a realização do trabalho de campo. Para isso foi encaminhada aos mesmos uma carta de apresentação contendo os objetivos da pesquisa, e solicitada a permissão para aplicação dos questionários junto dos professores.

Posteriormente foi realizada uma reunião com os docentes para explicar o propósito do estudo e a sua relevância social. Neste momento foi obtido o consentimento esclarecido dos mesmos.

Os questionários foram entregues pessoalmente a todos os professores que aceitaram participar do estudo e em seguida coletados. Foi necessária mais de uma visita aos estabelecimentos de ensino, pois nem todos os professores se encontravam no local de trabalho no dia agendado para a pesquisa.

3.7 Análise dos Dados

Os dados foram analisados através do pacote estatístico SPSSWIN-18 a partir da composição do banco de dados, foram feitas as análises descritivas necessárias para dar resposta aos objetivos de investigação colocados. Os dados qualitativos referentes às

percepções, sentimentos e representações dos sujeitos sobre a temática da sexualidade, teve por base a orientação de Bardin (2010), para a análise de conteúdo.

Como referência para as categorias, foi necessário de início, uma leitura flutuante, através da qual se definiram categorias prévias. Tais categorias para as Representações de sexualidade foram baseadas na literatura, mais especificamente nas dimensões da sexualidade como definidas por Werebe (1998). Além disso, as categorias foram submetidas a consulta de professores experts na área, de maneira que estes puderam auferir, a adequabilidade das mesmas, de acordo com as palavras enunciadas. Somente dessa forma é que se chegou às categorias definitivas.

3.8 Questões Éticas

Antes de se proceder ao trabalho de campo, o projeto de pesquisa foi devidamente encaminhado à Plataforma Brasil, para autorização.

Os participantes foram devidamente esclarecidos sobre os procedimentos da pesquisa, conforme a Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil), que trata das Diretrizes de e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos.

Os dados irão permanecer com a pesquisadora, que garantirá o seu sigilo e a confiabilidade das informações.

Em anexo encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Individual e Institucional.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sexualidade é um assunto que repercute todos os âmbitos da vida humana, as dificuldades relacionadas a sexualidade encontradas pelo humano, percorre diferentes épocas e civilizações.

No início dos séculos, a sexualidade era repleta de tabus, crenças e preconceitos. Ao longo dos anos, devido aos avanços tecnológicos e a ocupação educacional na vida das pessoas, o quadro foi modificando. Nos dias atuais, a sexualidade protagoniza discursos e adquire um outro sentido, um sentido de prevenção e de reconhecimento do próprio corpo com responsabilidade.

Devido a essas mudanças ocorridas ao longo do tempo, o posicionamento em relação a sexualidade no interior da família, na profissão e na estrutura social teve um caráter evolutivo, as representações sociais das pessoas e dos grupos aos quais pertencem tomou um novo rumo. E as discussões para a expressão das representações sociais ocupam o espaço de aprendizado e de crescimento educacional.

O ambiente escolar é um dos campos mais privilegiados para abordar o tema, de forma segura e clara, buscando o entendimento do comportamento e da identidade humana. Debater sobre sexualidade é perceber uma gama de complexidade, é um processo contínuo e permanente, que conduz a construção íntima e pluralista do indivíduo, é a soma de sentimentos, valores e desejos, formando a identidade de gênero e sexual dos sujeitos, como também sua visão de mundo.

O presente estudo teve como propósito analisar os sentimentos e as representações da sexualidade em professores dos anos finais do ensino fundamental nas escolas públicas de Simões-PI, bem como conhecer os recursos adotados para trabalharem a temática em sala de aula, e suas propostas para o melhoramento do ensino aprendizagem.

4.1 Sentimentos dos educadores ao lidarem com a temática sexualidade

Em atendimento ao primeiro objetivo específico, quanto a identificar os sentimentos dos professores ao lidarem com o tema sexualidade, os resultados estão descritos na tabela 10, a seguir.

Tabela 10: Distribuição dos Sentimentos dos professores ao lidarem em sala de aula com o tema sexualidade.

| Sentimentos ao lidarem com o tema sexualidade | | |
|---|---------------------------------|-------------|
| CATEGORIA 1 Palavras de Grande Satisfação | Frequência das evocações | % |
| Animada (4) Bem (3) Feliz (1) Gratificado (1) Satisfeita (1) Contente (1) | 11 | 22,9 |
| CATEGORIA 2 Palavras de Satisfação | Frequência das evocações | % |
| Gosto de falar (2) Tema fácil (1) Maturidade (1) Comprometida (1) Dinâmica (1) Determinada (1) | 07 | 14,5 |
| CATEGORIA 3 Palavras de Normalidade | Frequência das evocações | % |
| Tranquila (11) A vontade (8) Confortável (7) Normal (4) | 30 | 62,5 |
| Total | 48 | 100 |
| Sentimentos Negativos lidarem com o tema sexualidade | | |
| CATEGORIA 1 Sentimentos e/ou Palavras negativas | Frequência das evocações | % |
| Envergonhada (7) Com dificuldade (7) Tímida (5) Insegura (3) Não gosto (1) Constrangido (1) | 24 | 85,7 |
| CATEGORIA 2 Outros | Frequência das evocações | % |
| Despreparada (3) Não acho necessário (1) Nunca falei sobre isso (1) | 04 | 14,2 |
| Total | 28 | 100% |
| Total de evocações | 76 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Neste caso, observou-se 76 palavras evocadas, sendo 48 (63,2%) categorizadas como positivas e 28 (36,8%) categorizadas como negativas. As duas palavras mais evocadas foram *Tranquila* (11 evocações – 36,6%) e *A vontade* (8 evocações – 26,6%) ambas com sentido positivo. Outras evocações com sentimentos positivos em relação ao tema sexualidade:

Tranquila (11); A vontade (8); Confortável (7); Normal (4); Animada (4); Bem (3); Gosto de falar (2); Feliz (1); Gratificado (1); Tema fácil (1); Muito bom (1); Maturidade (1); Comprometida (1); Satisfeita (1); Contente (1); Dinâmica (1); Determinada (1).

Observou-se que uma maioria das evocações participantes da amostra, sentem-se, de certa forma, relativamente tranquilo e a vontade em tratar a temática. Porém há ainda um número grande de evocações que possuem sentimentos negativos ao lidarem com o tema em sala de aula (35%). As palavras que exprimem um sentimento negativo mais evocadas foram: *Envergonhada* (7 evocações – 29%) e *Com dificuldade* (7 evocações – 29%). Outras evocações negativas: Envergonhada (7); Com dificuldade (7); Tímida (5); Insegura (3); Despreparada (3); Constrangido (1); Não acho necessário (1); Não gosto (1); Nunca falei sobre isso (1).

De acordo com os resultados, podemos observar que os sentimentos positivos e o interesse pela temática predominaram entre os respondentes, mas que ainda há um certo repúdio diante dos mesmos para tratar do assunto, sabemos que o debate sobre a sexualidade avança questões teóricas, crenças e tabus, o que para muitos não é cômodo. Neste sentido, Jaques (2012) nos leva a entender que muitos professores demonstram resistência ao tratar da temática sexualidade, podendo ser oriundo de uma educação familiar opressora, como também ser fruto de uma formação educacional precária.

Para Sêga (2000), mesmo dada uma nova visão de mundo para os indivíduos, há quem prevaleça os pensamentos antigos. Moscovici (2003) diz que, o sujeito na tentativa de organizar seus comportamentos, opiniões e ações, surge a conjuntura entre a opinião e a ação, onde o indivíduo não acredita apenas na razão para solucioná-lo, mas nos conhecimentos e opiniões que tem do mundo.

Visto que a questão é para identificar os sentimentos dos professores em relação sua postura ao lidarem com a sexualidade, Freitas (2011) retrata que, os sentimentos dos professores estão relacionados com suas representações adquiridas ao longo do tempo.

Observando que os participantes da amostra revelam sentimentos de positividade e sentimentos negatividade, ainda é uma questão preocupante, pois ainda visto, o sentimento de negativismo diante da temática sexualidade, é possível perceber a dificuldade que os professores possuem ao tratar a temática, visto que no Brasil este é um tema transversal importante, dada a demanda social e as recentes legislações e políticas públicas, associadas a questões de gênero.

4.2 Representações sociais de Sexualidade

Em atendimento ao segundo objetivo específico, quanto conhecer as Representações Sociais de sexualidade relacionadas aos sujeitos da amostra, os resultados encontram-se dispostos conforme tabela 11 a seguir.

Tabela 11 – Resumo dos resultados da associação livre de palavras obtidas das evocações dos professores da amostra. Simões – PI.

| | |
|--|-----|
| Número de evocações | 175 |
| Número de palavras diferentes evocadas | 63 |
| Média de palavras evocadas por sujeito | 2,2 |
| Total de sujeitos | 79 |

Fonte: Pesquisa própria

Tabela 12: Distribuição das Categoria e Subcategorias das Representações Sociais de Sexualidade pelos docentes da amostra. Simões – PI, 2015

| | Biológica | Psicológica | Cultural | Ética |
|---|--|--|--|---|
| P O S I T I V O S | Características físicas (12) Sexo (6) Reprodução (5) Saúde/ saúde sexual (5) Atração sexual (4) Vida (3) Características sexuais (2) Feminino (2) Masculino (2) Estudo sobre sexo (1) Características físicas (1) Tipo sexual 1) Mulher (1) Homem (1) Corpo (1) Gravidez (1) Hetero sexual (1) | Gênero (19) Amor (9) Desejo (6) Afetividade/Afeto (4) Carinho (4) Prazer (4) Intimidade 2 Satisfação (1) Atraente (1) Charme (1) Envolvente (1) Características psicológicas (1) Sentimento (1) Gosto (1) Independência (1) Paixão (1) Qualidade de vida (1) Pensamentos (1) Sentimentos (1) Realização (1) | Escolha sexual / opção (18) Compromisso (4) Segredo (4) Família (1) Assumir (1) Diálogo (1) Educação sexual (1) Celebração (1) Casal (1) Aceitação (1) Formação sexual (1) Planejam. Familiar (1) Conhecer o outro (1) Conhecimento próprio (1) Descoberta (1) | Responsabilidade (8) Respeito (8) Fidelidade (1) Consciência (1) Ação (1) |
| | Nº de Evocações = 50 (28,5%) | Nº de Evocações = 61 (34,8%) | Nº de Evocações = 38 (21,8%) | Nº de Evocações = 19 (10,8%) |
| N E G A T I V O S | | Desenfreamento psicológico (1) Vergonha (1) | Desconhecimento 1 Crítica 1 Desentendimento 1 Não deve ser explorado 1 | Irresponsabilidade 1 |
| | Nº de Evocações = 0 | Nº de Evocações = 2 (1,2%) | Nº de Evocações = 4 (2,3%) | Nº de Evocações = 1 (0,6%) |

Fonte: Pesquisa própria, Simões-PI, 2015

Com relação à questão as Representações Sociais de sexualidade, estas foram enunciadas a partir da pergunta: *O que representa sexualidade para você?* As respostas,

obtidas a partir da associação livre de palavras dos sujeitos, foram distribuídas em quatro Categorias: Biológica, Psicológica, Cultural e Ética.

As categorias foram inspiradas a partir das dimensões da sexualidade, conforme são definidas por Moizés (2007), que em suas pesquisas trata sobre sexualidade, gênero e gerações. Dessa forma, ficaram assim definidas:

Categoria 1 – Biológica (BIO). Neste caso, as palavras fizeram referência a uma sexualidade associada ao funcionamento natural dos seres humanos. Nossa capacidade para a reprodução e relacionada à nossa satisfação sexual, a exemplo de: *Corpo, Sexo, Reprodução, gravidez, vida, etc.*

Foram eliciadas 50 palavras nesta categoria (28,5%), todas com conotação positiva, sendo as mais evocadas: *características físicas (13), sexo (6), reprodução (5), saúde sexual (5), e atração sexual (4)*. Outras evocações: *Vida (3); Características sexuais (2; Feminino (2); Masculino (2); Estudo sobre sexo (1); Características físicas (1); Tipo sexual (1); Mulher (1); Homem (1); Corpo (1); Gravidez (1) e Hetero sexual (1)*.

Categoria 2 – Psicológica (PSI). Esta categoria, apresenta a sexualidade associada a emoções e pensamentos. São significados de sexualidade que aprendemos e que passam a condicionar nossas atitudes sexuais iniciais. Em muitos casos tendem a se manter na idade adulta, a exemplo de: *Gênero, Amor, Desejo, Afetividade, Prazer, etc.*

Foram eliciadas 63 palavras nesta categoria, sendo 61 de conotação positiva (34,8%), sendo as mais evocadas: *Gênero (19), Amor (9), desejo (6), afetividade/afeto (4), carinho (4), prazer (4)* e 2 com conotação negativa (1,2%), *vergonha (1) e desenfreamento psicológico (1)*. Outras evocações positivas: *Carinho (4); Intimidade (2); Satisfação (1); Atraente (1); Charme (1); Envolvente (1); Características psicológicas (1); Sentimento (1); Gosto (1); Independência (1); Paixão (1); Qualidade de vida (1); Pensamentos (1); Sentimentos (1); Realização (1)*.

Categoria 3 – Cultural (CUL). Diz respeito ao fato da nossa sexualidade ser regulada socialmente através de leis, tabus e pressões familiares. São as normas sociais que influenciam nossa forma de ver homens e mulheres e seu papel social, a exemplo de: *Aceitação, Compromisso, Segredo, Família, assumir, etc.*

Foram eliciadas 42 palavras nesta categoria, sendo 38 de conotação positiva (21,8%), sendo as mais evocadas: *Escolha sexual/opção sexual (18), Compromisso (4), Segredo (4)*, e 4 com conotação negativa (2,3%), *desconhecimento (1), crítica (1), desentendimento (1), não deve ser explorado (1)*. Outras conjurações positivas: *Família (1); Assumir (1); Diálogo (1);*

Educação sexual (1); Celebração (1); Casal (1); Aceitação (1); Formação sexual (1); Planejamento familiar (1); conhecer o outro (1); Conhecimento próprio (1); Descoberta (1).

Categoria 4 – Ética (ETI). Esta categoria envolveu questões relativas a maneira de como nós tratamos a nós próprios e às outras pessoas. Como tomamos as decisões sobre o que é certo ou errado, a exemplo de: *Consciência, Respeito, Fidelidade, etc.*

Foram eliciadas 20 palavras nesta categoria, sendo 19 de conotação positiva (10,8%), sendo as mais evocadas: *Responsabilidade (8), Respeito (8)*, e 1 com conotação negativa (0,6%), *irresponsabilidade (1)*.

As representações de sexualidade demonstradas pelos professores, foram mais positivas (95,9%) do que negativas (4,1%).

A partir das falas, pôde-se associar essa representação de sexualidade a uma dimensão com forte característica associada ao amor, prazer e a afetividade. Pode-se, então, verificar a importância da carga dessa dimensão psicológica, em relação as outras dimensões. Portanto uma sexualidade associada a algo bom e positivo, sem grandes preocupações com possíveis consequências, como foi referido pelos professores. Outro aspecto importante a ser destacado foi a presença de termos mais voltados ao biológico propriamente dito, através das falas: reprodução, saúde sexual, características físicas, características sexuais, atração, etc. Estes resultados nos apontam que ainda prevalece uma cultura onde a sexualidade ainda é percebida como conotação muito biológica. Uma sociedade ainda com concepções arcaicas e patriarcais, baseadas no homem e na sua afirmação. Em contrapartida, surgiram evocações que impressionam com a presença das palavras “escolha sexual/opção” com uma elevada frequência (18) e, responsabilidade (8) e respeito (8). Este resultado é de grande importância, pois demonstra uma clara mudança na maneira de pensar e, de colocar-se frente a uma cultura que ainda resiste ao fortalecimento tanto do novo papel feminino, como das questões de gênero associadas. Desta maneira, homens e mulheres parecem buscarem crescimento e afirmação da sua sexualidade, demonstrando simultaneamente as suas necessidades de afirmação pessoal, em termos de gênero (19) e sexualidade, em um amplo aspecto.

Apesar desta grande mudança, tal comentário não exclui a característica que foi também marcante na dimensão psicológica, que foi as diversas expressões relacionadas a presença da afetividade provavelmente buscada nos relacionamentos interpessoais.

Também a responsabilidade (8) e o respeito (8) na dimensão ética, com relação a percepção da sexualidade, se destacaram, talvez até como demandadas pelos sujeitos. Já que

as trajetórias de vida são, normalmente marcadas por exigências quanto a um desempenho e, por necessidades de afirmações do eu no mundo.

De acordo com os estudos de Jodelet (2001), as representações sociais movimentam as conexões com o mundo e com o outro conduzindo assim, as comunicações sociais, é o mecanismo do compreender da realidade exterior e da criação psicológica dessa realidade. E como visto nas respostas dos professores da amostra sobre o questionamento do que podiam compreender em relação a sexualidade e, portanto, responderam o que faz jus a vitalidade das interpretações do indivíduo, daquilo que ele aprendeu com o mundo, com seus valores, crenças, conhecimentos e tradições, exprime a relação que o sujeito adquire individualmente e com seus grupos sociais.

Em resumo, as representações aqui descritas parecem ligadas a comportamentos adotados ante a sexualidade e sua valorização, mostrando que há uma coexistência de dimensões transversais às diversas categorias e subcategorias. É possível que, projetos que estimulem o desenvolvimento de atividades educativas, possam propiciar a professores e alunos, vivenciarem mais momentos que propiciem discussões sobre temáticas envolvendo a sexualidade, com qualidade e segurança.

4.3 Recursos adotados para trabalhar a temática da sexualidade

Em atendimento ao terceiro objetivo específico, quanto aos Recursos adotados pelos professores nas escolas públicas para trabalharem a temática da sexualidade, os resultados foram dispostos conforme tabela 13 a seguir.

Tabela 13: Distribuição dos Recursos adotados pelos professores para trabalhar o tema sexualidade nas escolas públicas.

| Recursos adotados | Frequência | Percentual (%) |
|---------------------------------|------------|----------------|
| Textos | 25 | 19,3 |
| Trabalhos de pesquisa em grupos | 23 | 17,7 |
| Debates | 22 | 17,0 |
| Aulas expositivas | 18 | 13,8 |
| Filmes | 12 | 9,2 |
| Dinâmicas de grupo | 12 | 9,2 |

| | | |
|--------------------------------------|------------|--------------|
| Músicas | 07 | 5,3 |
| Palestras com profissionais de saúde | 06 | 4,7 |
| Teatro | 05 | 3,8 |
| Total | 130 | 100,0 |

Simões - PI, 2015.

O ensino aprendizagem no contexto escolar exige cada vez mais do professor um desenvolvimento eficiente em sala de aula, o professor mediador tem a tarefa de avaliar, planejar e reavaliar sua prática pedagógica, para que assim desencadeia nos alunos a ampliação de novas descobertas. Nesse contexto, é necessário a utilização de recursos didáticos para que o professor desenvolva de forma satisfatória suas aulas. Recursos didáticos são os meios utilizados para abordar qualquer situação de aprendizagem, a fim de mediar as relações nos atos de ensinar e aprender, tornando assim as aulas viáveis e significativas, deixando de lado um ensino monótono, rotineiro e tradicional. Agrega-se então, novos recursos didáticos, frutos de um avanço científico e tecnológico, que aqui pode-se citar: textos, mídias, debates, palestras, teatros.

Com relação aos recursos adotados, os professores respondentes optaram principalmente por trabalharem com textos (19,3%), seguidos de: trabalhos de pesquisa em grupos (17,7%), debates (17,0%), aulas expositivas (13,8%), filmes (9,2%), dinâmicas de grupo (9,2%), músicas (5,3%), palestras com profissionais de saúde (4,7%) e teatro (3,8%).

Ao que se parece, os recursos didáticos utilizados pelos professores respondentes são de grande eficácia para adentrarem na temática sexualidade, e capazes de auxiliar uma aprendizagem significativa.

Os respondentes, referiram orientar os alunos, sobre os temas relacionados à Sexualidade e Sexo, com certa naturalidade e com o uso de uma gama de recursos e materiais didáticos. Tais materiais educativos servem para iniciar a conversa, ou problematizar o tema e levantar as perguntas de partida, sem oferecer logo as respostas. Os materiais referidos por eles, como filmes, vídeos, textos, pesquisas, são usados com essa intenção.

Um vídeo didático adequado, por exemplo, apresenta o assunto, desperta o interesse, ao tempo em que suscita questionamentos, possibilitando a abertura dos debates.

De acordo com Moizés (2007), os recursos didáticos são elementos necessários e fundamentais para as reflexões, assim como dados da realidade social, embora não devam ser

vistos como verdades absolutas, a serem aceitas sem discussão. Em geral, expressam interesses e uma visão idealizada de sexo e sexualidade.

Os recursos adotados pelos professores são capazes de auxiliar os jovens na tomada de decisões assertivas no relacionamento afetivo e sexual. A metodologia abordada e os materiais utilizados facilitam a compreensão de como fazer um trabalho integrado, envolvendo os questionamentos individuais, podendo ser usados nos textos, músicas, filmes, ou aqueles em que há a participação de todo o grupo, como o teatro, aulas expositivas, dinâmicas, palestras e trabalhos em grupo, pois assim desencadeia uma visão positiva e contribui para a formação de cada um.

A capacidade do professor nas suas aulas, em articular a teoria e a prática, com os materiais que estejam à sua disposição, promove ambientes favoráveis para o processo educativo (Leonello & L'Abbate, 2006).

Com tais considerações julgamos ter atendido o terceiro objetivo específico, quanto conhecer os recursos didático adotados pelos professores, para trabalharem a temática da sexualidade em sala de aula.

4.4 Propostas dos Professores para lidarem com a temática da sexualidade

Em atendimento ao quarto objetivo específico, quanto as propostas dos professores para lidarem com a temática da sexualidade no espaço escolar, os resultados foram dispostos conforme tabela 14 a seguir.

Tabela 14: Distribuição das estratégias propostas dos professores para lidarem com a temática da sexualidade no espaço escolar. Simões – PI, 2015

| Propostas | Frequência | Percentual (%) |
|-------------------------------------|------------|----------------|
| Categoria 1 - AÇÃO | | |
| Debates mais frequentes | 16 | 20,3 |
| Palestras | 11 | 14,0 |
| Formação continuada dos professores | 11 | 14,0 |
| Conversar com os pais | 06 | 7,6 |
| Pesquisas | 05 | 6,4 |
| Mais reuniões com os professores | 04 | 5,0 |
| Dinâmicas de grupo | 03 | 3,7 |
| Acompanhamento profissional | 01 | 1,2 |
| Subtotal 1 | 57 | 72,2 |

| | | |
|---------------------------------------|-----------|--------------|
| Categoria 2 - MATERIAL | | |
| Bons materiais didáticos | 06 | 7,6 |
| Diversificação de recursos | 02 | 2,5 |
| Subtotal 2 | 08 | 10,1 |
| Categoria 3 - PESSOAL | | |
| Utilizar mais a arte | 07 | 8,8 |
| Capacitação dos professores | 04 | 5,0 |
| Conferir maior importância ao assunto | 02 | 2,5 |
| Mais dedicação dos educadores | 01 | 1,2 |
| Subtotal 3 | 14 | 17,5 |
| Total | 79 | 100,0 |

Simões - PI, 2015.

Como dito anteriormente, a discussão da temática sexualidade em sala de aula, não tem sido fácil para os professores. Assim, para que haja um amadurecimento e melhor eficácia na mediação do ensino aprendizagem da sexualidade, os professores da amostra citaram estratégias, que possam auxiliar na metodologia e no debate sobre a sexualidade no âmbito escolar.

As respostas foram enquadradas em três categorias, de acordo com a tabela 14: Categoria 1 – AÇÃO, 57 (72,2%), relacionadas a uma ação, uma atitude prática para enfrentamento da situação. Atitudes diferenciadas voltadas para o aprimoramento da discussão do novo e do desconhecido, elege as formas diversificadas de adentrar na esfera de novos conhecimentos. Os respondentes da amostra citaram entre suas propostas para estratégias voltadas para uma ação diferenciada, debates mais frequentes (20,3%), palestras (14,0%), formação continuada dos professores (14,0%), mais conversa com os pais (7,6%), pesquisas (6,4%), mais reuniões com os professores (5,0%), utilização de dinâmicas de grupo (3,7%), proceder um mais efetivo acompanhamento profissional (1,2%);

Na Categoria 2 – MATERIAL, 8 (10,1%), relacionadas a disponibilidade de recursos materiais para levar a cabo um trabalho mais eficiente. Lembrando que, o uso de materiais didáticos direcionados, resulta na abordagem de conhecimentos que se enquadram em estratégias diversificadas e capazes de produzirem grandes resultados. Foram citados nesta categoria: disponibilidade de bons materiais didáticos (7,6%) e diversificação de recursos (2,5%). Portanto, não somente materiais, mas materiais diversificados, para que seja possível a utilização de técnicas didáticas diferenciadas;

Na Categoria 3 – PESSOAL 14 (17,5%), no sentido de uma estratégia que envolva recursos pessoais, inerentes ao professor. A formação continuada e o trabalho voltado para

desenvolver e melhorar aptidão dos professores, estimula o crescente desenvolvimento da prática pedagógica. Os professores da amostra citaram como estratégias pessoais para melhor lidarem com a temática sexualidade, estratégias tais como: a utilização de mais arte na sala de aula (8,8%), a capacitação dos professores (5,0%), diversificação de recursos (2,5%), conferir maior importância ao assunto que é ministrado (2,5%), e, mais dedicação dos educadores (1,2%).

Tais estratégias contribuem para o desenvolvimento da habilidade no discurso em sala de aula, são desenvolvidas a partir de diversas metodologias e com o uso de diferentes recursos. Visto que, os professores julgam que recursos didáticos diferenciados e com a elaboração de uma metodologia adequada, para a prática do ensino da educação sexual, é possível favorecer o trabalho educacional e contribuir no processo cognitivo e social do aluno.

De acordo com os estudos de Jaques (2012), a escola um importante e eficaz espaço para tratar a educação para a sexualidade, as estratégias voltadas para o ensino – aprendizagem objetiva repassar informações para o conhecimento, buscando discutir valores, vida sexual e sentimentos.

É imprescindível que a escola transmita métodos de acesso ao conhecimento elaborado, construindo a educação formal e permitindo o acesso aos saberes científicos e tecnológicos, ampliando assim, o campo do desenvolvimento educacional (Costa, 2012).

Os professores são capazes de instruir valores para seus alunos e é importante que atuem de forma adequada, se qualificando, e que tenham acesso às informações atualizadas, para que se sintam preparados para adentrar a temática da sexualidade. Para Reis *et al.* (2012), a busca dos professores por competências e intervenções, no desenvolvimento do seu conhecimento junto a escola, através de técnicas em saúde ou formação adequada, são capazes de criar uma abordagem bem elaborada da sexualidade.

É importante salientar ainda que, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pretendem ser um referencial para fomentar reflexões sobre os currículos escolares. São uma proposta aberta e flexível, que poderá ou não ser utilizada pelos educadores na elaboração de suas propostas curriculares. Os temas transversais, tal como a educação sexual, devem impregnar toda a área educativa do ensino fundamental, sendo também tratado por outras áreas do conhecimento. Os conteúdos tratados na escola precisam, como previsto nos PCNs, destacar a importância da saúde reprodutiva e sexual, bem como os cuidados necessários para sua promoção. A escola também deve conscientizar os alunos e pais para a importância da utilização dos serviços públicos de saúde e da participação em ações prioritariamente

preventivas (Brasil, 1998). Caso os professores não recebam orientações suficientes na sua formação para a educação sexual, conversar sobre sexo na escola será mesmo uma tarefa difícil (Tonatto & Sapiro, 2002).

Nesta direção, afirmo que boas estratégias pedagógicas, permitem ao professor trabalhar de forma diversificada, propiciando maior conhecimento e auxílio para desenvolver métodos do ensino da sexualidade.

Adicionalmente considerou-se importante conhecer se os respondentes acreditam que os professores da escola em que participam estão devidamente preparados para trabalhar com o tema sexualidade com os alunos do Ensino Fundamental II. As respostas estão dispostas no gráfico a seguir:

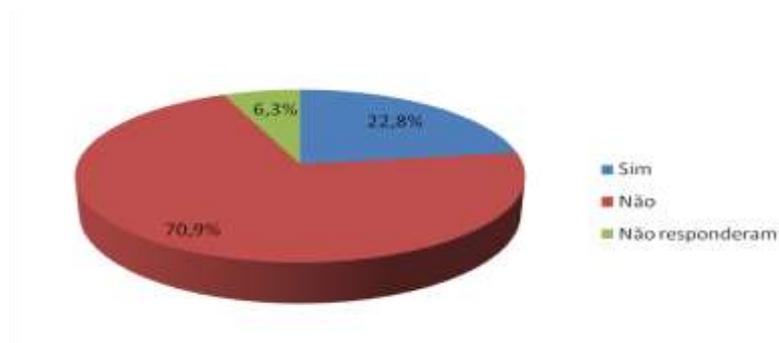


Gráfico 2 – Distribuição das respostas dos professores, sobre se estão preparados para trabalharem a temática sexualidade com alunos do Ensino Fundamental II

De acordo com a percepção dos respondentes, 70,9% acreditam que os professores não estariam suficientemente preparados para lidarem com o tema sexualidade, junto aos alunos do Ensino Fundamental II. E 22,8% acredita que sim, que estariam os professores preparados para tal tarefa. Cinco professores (6,3%) não responderam a esta questão.

Muitos professores resistem ao abordar a temática sexualidade, por ser fruto de uma educação familiar opressora, ou uma ausência de debates sobre a temática na sua formação acadêmica (Moizés, 2007; Jaques, 2012).

É primordial que os professores compreendam suas próprias dificuldades, com questões teóricas, tabus, leituras e discussões em volta da sexualidade, e busquem uma formação contínua e sistemática (Brasil, 1998).

Finalmente, os professores foram solicitados a informar como se manifestam os alunos quando é trabalhado o tema sexualidade na sala de aula do Ensino Fundamental II. O resultado está disposto na tabela 15 a seguir.

Tabela 15: Distribuição de como se manifestam os alunos quando é trabalhado o tema sexualidade na sala de aula.

| Propostas | Frequência | Percentual (%) |
|---|-------------------|-----------------------|
| Categoria 1 – Sentimentos de ABERTURA | | |
| Atenciosos e interessados | 25 | 26,8 |
| Curiosos | 13 | 14,0 |
| Participativos | 06 | 6,5 |
| Alegres | 02 | 2,2 |
| Subtotal | 46 | 49,5 |
| Categoria 2 – Sentimentos de RETRAIMENTO | | |
| Timidez | 38 | 40,7 |
| Inquietos | 04 | 4,3 |
| Constrangimento | 02 | 2,2 |
| Ansiosos | 01 | 1,1 |
| Medo | 01 | 1,1 |
| Consideram o tema imoral | 01 | 1,1 |
| Subtotal | 47 | 50,5 |
| Total | 93 | 100,0 |

Simões - PI, 2015.

O tema sexualidade para o aluno em sala de aula desencadeia uma série de sentimentos e questões adquiridas no seu desenvolvimento psicológico, físico e sexual. Para muitos é uma novidade, ou uma curiosidade, uma vergonha ou mesmo um tabu.

Com relação à percepção de como se manifestam os alunos quando é trabalhado em sala de aula o tema sexualidade, foram verbalizadas 93 palavras no total, que foram distribuídas em duas categorias:

Categoria 1 - Sentimentos de Abertura 46 (49,5%), que traduz o interesse observado pelos professores em relação aos alunos, e que assim os alunos manifestam ao abordar a temática. Muitos dos alunos já adentram as aulas de educação sexual com algum conhecimento sobre o tema, com dúvidas e desejos de esclarecimentos sobre o assunto. Nesta categoria, envolveu os sentimentos positivos, ou seja, dos quais se sentem à vontade para abordar a temática da sexualidade, como: 26,8% observaram que os alunos se mantêm atenciosos e interessados, para 14%, os alunos parecem curiosos, 6,5% os observam participativos e, 2,2% observaram alegria, quando tratam do tema com os alunos.

Categoria 2 - Sentimentos de Retraimento 47 (50,5%), traduz a observação da postura que demonstra timidez e desconforto, relacionados aos sentimentos negativos demonstrados pelos alunos. A sexualidade para alguns jovens ainda pode ser motivo de insegurança, por se

encontrarem com pensamentos e atitudes imaturas em relação a vida sexual. A amostra reflete que: 40,7% dos professores observou que seus alunos apresentam timidez, quando se trata do tema sexualidade em sala de aula, 4,3% perceberam inquietação, 2,2% acreditam que os alunos se mostram constrangidos, 1,1% observou ansiedade, 1,1% observou medo e 1,1% relataram que os alunos consideram o tema imoral.

Observou-se ainda muita timidez e constrangimento, o que vai de encontro com uma maior abertura social e midiática, em lidar com essa temática.

A sexualidade expressa no ser humano afetividade, sentimentos, prazer, não priorizando o que os sujeitos fazem, mas o que são (Leal *et al.*, 2014). Nem sempre a sexualidade adolescente voltada para o amadurecimento emocional e físico é tranquila, pois é a partir de então, que aflora o anseio pelas descobertas sobre si e sobre o outro (Reis, *et al.*, 2002).

Nesta direção, Costa (2012) nos orienta que, quando adentram no âmbito escolar, os jovens já chegam com uma visão de mundo sexual, seja de conversas paralelas com a família e/ou com os amigos, como também aquilo que a mídia apresenta. O adolescente tende a se manifestar com timidez diante do debate sobre sexualidade, o que muitas vezes confundem a liberdade sexual, com promiscuidade, e que interpretam a vivência sexual através de tabus, medos e preconceitos.

É a partir de então, que a relação professora – aluno pode se estreitar, ocupando um lugar de maior poder, é a construção de uma referência importante para o aluno, o debate construído pelo professor em sala de aula é capaz de formar questionamentos e compreensão sobre a sexualidade, e é este discurso na sala de aula que promove o controle dos indivíduos, não os punindo, mas formando indivíduos autodisciplinados, em relação a sua sexualidade (Brasil, 1998).

A partir de tais resultados, consideramos atendido o quarto objetivo específico, quanto conhecer as propostas dos professores para lidarem com a temática sexualidade, no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade é algo natural e parte da vida. Não implica necessariamente apenas no seu aspecto reprodutivo, mas diz respeito também a valores sexuais e estilos de vida, que podem ser vivenciados de um modo diferenciado por cada pessoa, o que é natural numa sociedade tão diversa e rica em valores e crenças (Jaques, 2012).

Como observado neste estudo, a sexualidade faz parte da vida humana. É universal e singular para cada indivíduo. Envolve, aspectos sociais, individuais, psíquicos e culturais, carregados de historicidade, atitudes, práticas e simbolizações (Brasil, 1998). Por este assunto ter sido menos exposto e mais velado ao longo dos tempos, resultou em concepções da sexualidade, que em muitos casos é relacionada à obscenidade, ou a algo sujo, proibido ou pecaminoso. Por muito tempo negou-se aos jovens uma educação sexual, implicando em dificuldades nas corretas e necessárias orientações para a promoção da saúde sexual.

Nos propusemos a estudar o tema, devido a propagação da sexualidade e do erotismo cada vez mais intensa na mídia, propiciando uma certa precocidade da iniciação sexual, e mais, a sua banalização. Além desta realidade, há diversos outros problemas com a desigualdade de gênero, desrespeito à diversidade sexual, e a vulnerabilidade de jovens e crianças às diversas formas de violência. Tal problemática tem demandado uma abordagem mais intensiva sobre sexualidade, com crianças e com adolescentes, de forma a tornar a Educação Sexual mais efetiva.

O presente trabalho busca analisar, identificar e conhecer os sentimentos e as representações sobre a temática sexualidade em professores dos anos finais do ensino fundamental, busca conhecer os recursos adotados pelos professores, para trabalhar a temática sexualidade na sala de aula, como também conhecer as propostas dos professores para lidarem com este tema, no cotidiano escolar.

A literatura exprime que as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado (Jodelet, 2001), portanto, as representações dos professores em relação a sexualidade abordadas em sala de aula, são frutos de suas experiências ao longo da vida, seja no âmbito familiar ou social, como também da sua formação acadêmica.

Os professores em estudo se caracterizam como sendo, predominantemente, do sexo feminino, acima de 30 anos de idade, prevalecendo a relação civil casados, pertencentes a religião católica, e sobressaindo o título de ensino superior completo, com mais de dez anos de profissão e revelando o apreço que possuem ao lidar com a educação.

Considerando os resultados encontrados, depreendemos que os participantes deste estudo reconhecem haver sentimentos de satisfação, tranquilidade e importância ao abordarem o tema sexualidade em sala de aula, mesmo alguns ainda encontrando inúmeras dificuldades, seja por timidez ou por se sentirem despreparados, em discutir a temática no âmbito escolar. Apontam também que, a principal dificuldade na abordagem em sala de aula sobre sexualidade está relacionada com o seu despreparo e a falta de conhecimento sobre o assunto.

Em relação as representações sociais dos professores em volta da sexualidade, estes relacionam o conceito de sexualidade, voltados para a sexualidade biológica, que envolve o ato sexual, a reprodução, o corpo, a vida; Na sexualidade que engloba o meio psicológico, citam a obtenção de prazer e afetividade; Na sexualidade destacando o meio cultural, estes frisaram os valores históricos e o papel social da sexualidade; e por fim, a sexualidade que diz o comportamento ético, relacionando os valores sociais para com a temática. Predominando assim, a categoria psicológica, que evidencia a sexualidade atribuída à valores e sentimentos. Havendo uma pequena minoria de evocações negativando a discussão voltada para a sexualidade.

Os professores ao serem abordados sobre os recursos adotados para trabalharem os temas relacionados à sexualidade, prezam a orientação com naturalidade e o uso de matérias didáticos diversificados. Indicaram vários meios de instrumentalização quanto o trabalho da sexualidade na escola, predominando o acesso a textos, trabalhos em grupos e debates com principais fontes de abordagem. Valorizando o diálogo aberto e esclarecedor como meio de tratar o assunto de forma natural.

Os docentes destacam a necessidade de estratégias para lidarem com a temática da sexualidade no espaço escolar. Valorizam o diálogo aberto e esclarecedor, revelando a importância de um programa de educação sexual por meio da oferta de informações esclarecedoras e científicas. Onde os professores devem participar de formações continuadas, evidenciam também, que a falta de material dificulta seu trabalho na escola.

Reconhecem haver dificuldades em discutir a temática no âmbito escolar, por se sentirem despreparados ao tratar do assunto.

Também percebem a mudança de comportamento dos alunos ao lidarem com a temática, demonstrando estarem interessados, curiosos, participativos, como também, constatar estar presente nos alunos, o retraimento.

Os meus estudos se limitaram numa pesquisa bibliográfica e um questionário com os respondentes, usando assim, o discurso dos professores incluído na amostra. Desta forma, o

trabalho poderia ser mais aprofundado com uma pesquisa bibliográfica mais extensa, e a busca por uma entrevista informal.

Portanto, acreditamos que há uma grande lacuna a ser preenchida pelos professores, ao lidarem com a sexualidade no espaço escolar, que sejam capazes de compreender suas próprias dificuldades, com questões teóricas, sistemáticas e seus tabus, que sejam capazes de reconhecer e ampliar a visão de pensamentos pluralistas, contemplando uma visão abrangente e integrada da sexualidade. É necessário que o currículo atenda às necessidades de alunos e professores, que produza um currículo articulado na teoria e prática, com estratégias educativas de uma metodologia participativa, buscando assim, a compreensão de aspectos sexuais da sociedade da qual vivem e contribuindo para a redução da vulnerabilidade na qual adolescentes estão expostos.

É necessário a parceria escola, docentes e família, para que haja a interação dos valores humanos sexuais, evitando a visão promiscua para com o mundo sexual. É dever do sistema escolar, dispor de formação continuada para os professores, instruindo o desenvolvimento do saber em relação ao tema, para que assim possam induzir uma educação sexual efetiva e eficaz. E assim ampliar o conceito de sala de aula como um espaço social de aprendizagem, dando importância aos temas sociais e a contextualização dos conteúdos na sequência do currículo.

É preciso que o professor extrapole a relação estabelecida entre docentes e alunos, conquistando a confiança dos mesmos, para que possam estabelecer vínculos afetivos, para que assim, se sintam à vontade para debater o tema. Segundo Moizés e Bueno (2007), é importante destacar que uma Educação para a sexualidade deve ser conduzida e preparada por pessoa que inspire certa confiança dos alunos. O professor que trabalha com essa temática deve ter claro que a confiança é uma questão principal nesse processo. Demanda um resgate de valores, a exemplo de segurança, responsabilidade e respeito, associados a um diálogo aberto, franco e claro.

Nota-se, cada vez mais, que os professores pesquisados necessitam de capacitação e efetivos projetos de parcerias. De nada adiantará investir na educação se os alunos não estiverem na posição de sujeitos ativos da aprendizagem, sensibilizados e motivados (Moizés, 2007). É necessário um sentimento de maior companheirismo entre os professores, para a eficaz realização dessa tarefa (Jaques, 2012).

A pesquisa ainda nos possibilitou perceber que, faz-se necessária a orientação, não apenas dos alunos, mas dos pais e dos professores, evidenciando-se a importância do preparo

para lidarem adequadamente com tais questões no cotidiano. Portanto, é necessária uma maior conscientização dos professores, pois eles passam maior tempo com os alunos, necessitando mais e mais recursos pessoais e materiais, para lidarem com o tema. Neste processo, a Escola pode ser a saída para ajudar familiares, professores e escolares na compreensão dos pressupostos da educação sexual. Sendo assim, os profissionais da saúde podem vir a ser grandes aliados dos educadores, no sentido de conscientizá-los e capacitá-los.

Nesse sentido, o âmbito escolar como prática educacional, deve ocupar o espaço de contribuir para o preparo dos professores no enfrentamento do grande desafio que é a educação sexual, deixando para trás apenas a visão biologistas, para somar numa educação libertadora, dialógica, crítica e transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altman, H. (2001). Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*. (2ª ed.), 575 – 585.
- Altman, H. (2003). *Orientação Sexual em uma escola: recortes de corpos e de gêneros*. (ed. 21). Rio de Janeiro: Caderno Pagu.
- Amaral, M. A. & Fonseca, R. M. G. S. (2005). Entre o desejo e o medo: um estudo bibliográfico. *Ver Esc Enferm USP* (40 (4), 4ª ed., pp. 469-476). São Paulo.
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Caderno de Pesquisa* (Vol. 117, pp. 127-147).
- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. (1996). Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília.
- Brasil Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos, apresentação dos temas transversais. Brasília.
- Brêtas, J. R. da S. & Silva, C. V. (2005). Orientação Sexual para adolescentes: relato de experiências. *Acta Paul Enferm*, v18, n.3, pp. 326 -333. São Paulo.
- Britzman, D. (2000). Curiosidade, sexualidade e currículo. *O corpo educado* (2ª ed., pp. 83-112). Belo Horizonte, MG.
- Calado, L. F. (2011). *Educação Sexual no 1º ciclo do ensino básico concepções dos professores de um departamento de escolas*. Dissertação apresentada para obter o grau de Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa, orientado pela Prfra. Dra. Mª. I. S. C. Chagas. Lisboa.
- Cano, M. A. T., Ferriani, M. das G. C. & Gomes, R. (2000). Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev Latino-am enfermagem* (vol. 8, 2ª ed., pp. 18-24). Ribeirão Preto, RJ.
- Costa, P. C. F. (2012). *Os patamares de adesão das escolas à educação sexual*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.
- Foucault, M. (2014). *Historia da Sexualidade 1: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra.

- Freitas, J. C. R. (2011). *Sexualidade e Educação: concepções sobre gravidez e homossexualidade nas representações sociais dos adolescentes de uma escola pública*. São Paulo: V Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão da Faculdade Senac.
- Freud, S. (1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (vol. 7, pp. 117-290), Rio de Janeiro: Imago.
- Gatti, G. (1985). *Moral Sexual: Educação do Amor*. São Paulo: Educação Salesiana Dom Bosco.
- Gazzinelli, M. F., Gazzinelli, A., Reis, D. C. & Penna, C. M. M. (2005). Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências de doença. *Cad. Saúde Pública* (21 (1), pp. 200-206). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Heilborn, M. L. & Brandão, E. R. (1999). Introdução: ciências sociais e sexualidade. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* (pp. 7-17). Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Jaques, A. E. (2012). *Significado da sexualidade e assuntos correlatos no contexto escolar por professores do ensino fundamental da educação sexual: experiência de uma pesquisa – ação*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão preto, SP, Brasil.
- Jodelet, D. (2001). *Representações sociais: um domínio em expansão* (pp. 31-61). Paris, PUF.
- Kauark, F., Malhães, F. C, Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia de Pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Literatum.
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia, Reflexão e Crítica* (15(1), pp. 165-178).
- Leal, I., Matos, M. G., Ramiro, L., Reis, M. & Ribeiro, J. P. (2014). Educação Sexual em Portugal: Legislação e avaliação da implementação nas Escolas. *Psicologia, Saude & Doenças*, v.15, n.2, pp. 335 – 355.
- Leonello, V. M., & L'Abbate, S. (2006). Educação e saúde na escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em pedagogia. *Interface – Comunic, Saúde, Educ* (Vol. 9, 18ª ed., pp. 149-166). São Paulo, SP, Brasil.
- Louro, G. L. (2000). Pedagogia da sexualidade. *O corpo educado* (2a ed., pp. 07-34). Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Menin, M. S. S., Shineizu, A. M. & Lima, C. M. (2009). A Teoria das representações sociais nos estudos sobre representações de professores. *Caderno de Pesquisa* (Vol. 39, pp. 549-576).

- Minayo, M. C. S. (org.). Deslandes, S. F. & Gomes, R. (2012). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 31ª ed., p.83.
- Moizés, J. S., & Bueno, S. M. V. (2007). *Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental*. Ribeirão Preto, SP.
- Moizés, J. S. (2007). *A sexualidade na compreensão de professores de ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Mokwa, V. M. N. F. (2013). *Gênero, Sexualidade e Educação: representações sociais de educadores do ensino fundamental sobre sexualidade*. (ed. 23).
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. Tradução: Pedrinho Guarechi. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.
- Moskovics, J. M. & Calvetti, P. U. (2008). Formação De Multiplicadores para a prevenção das DST/AIDS numa Universidade Espanhola. *Psicologia, Ciências e Profissão*. P. 210-217. Porto Alegre/RS.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. *Cadernos de pesquisa em administração*, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem.
- Parker, R. (2000). Cultura, política e construção social da sexualidade. *O corpo educado* (2ª ed., pp. 125-150). Belo Horizonte, MG : Autentica Editora.
- Reis, M., Ramiro, L. & Matos, G. (2012). *Jovens e sexualidade. Aventura social: promoção de competências e do capital social para um empreendedorismo com saúde na escola e na comunidade* (Vol. 1, 1ª ed., pp. 193-204). Lisboa: LDA.
- Santos, M. A. (2001). *Orientação Sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?*. Caicó, RN.
- Sêga, R. A. (2000). *Anos 90: o conceito de representações sociais nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*. (ed 13). Porto Alegre.
- Silva, E. L.; & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação* 4a edição revisada e atualizada Florianópolis.

- Silva, J. A., Jr. (2010). *Rompendo a mordaza: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Silva, L. R. G. (2010). A Política educacional e a orientação sexual nas escolas. Rondonia.
- Silva, M. P., & Carvalho, W. L. P. (2005). O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivencia das professoras. *Ciência & Educação*, v.11, p. 73-82. São Paulo, SP.
- Terence, A.C.F. & Escrivão Filho, E. (2006). *Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais*. Encontro Nacional de Engenharia de Produção. XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro.
- Tonato. S. & Sapiro, C. M. (2002). Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. *Psicol Soc* [periódico na Internet]. [citado 2007 abr. 20];14(2). Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a09.pdf
- Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade. *O corpo educado* (2a ed., pp. 35-82). Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Werebe, M. J. G. (1998). *Sexualidade, política e educação*. Campinas: Autores Associados.

ANEXOS

AXEXO I

Simões, PI, ____ de _____ de 2015

Ilmo(a) Sr(a).

Diretor(a) da _____

Ref: Carta de Apresentação

Prezado(a) Senhor(a).

Sou Ana Dandara da Silveira Carvalho, Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Portugal. Minha pesquisa versa sobre “**Sentimentos e Representações sociais da sexualidade entre professores dos anos finais do Ensino Fundamental**” e, gostaria de contar com a participação dessa honrada Instituição de Ensino, através dos seus professores.

A pesquisa está de acordo com as normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre Pesquisas envolvendo Seres Humanos. Também posso assegurar que as informações serão tratadas em conjunto, não havendo necessidade da identificação dos professores. Visamos unicamente à produção do conhecimento científico.

Solicito ainda permissão para utilizar o nome das escolas de maneira explícita no trabalho.

Pelo muito que representa para minha carreira profissional, solicito de vossa senhoria, apoio no sentido de nos disponibilizar algumas informações sobre a escola, bem como o acesso aos professores, de maneira que me possibilite levar a cabo tal iniciativa.

Desde já agradeço vossa contribuição e coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Respeitosamente,

Ana Dandara da Silveira carvalho

Mestranda em Ciências da Educação

Contato: E-mail: ana.dandara@hotmail.com

ANEXO II – QUESTIONÁRIO

Estamos realizando uma pesquisa com o propósito de conhecer melhor as Representações Sociais dos Professores sobre Sexo e Sexualidade e, gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo a este questionário. Informamos outrossim que é garantido o anonimato dos participantes, já que as respostas serão tratadas em conjunto. Nossa finalidade é puramente acadêmica.

Sua participação é voluntária e a entrega deste questionário preenchido significará que se sente esclarecido, e que concorda em participar. Desde já agradecemos a sua colaboração.

1. Escola: _____

2. Sexo: () Masc () Fem 3. Idade: _____ anos

4. Estado Civil: () Solteiro () Casado/União estável () Separado/Divorciado () Viúvo

5. Religião: () Católico () Evangélico () Espírita () Outra

6. Escolaridade: () Sem instrução formal () Ensino Fundamental Incompleto
() Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio incompleto
() Ensino Médio Completo () Ensino Superior Incompleto
() Ensino Superior Completo

7. Tempo de docência: _____

8.. Horas trabalhadas por semana: () 20 horas () 40 horas () 60 horas

9. Gosta de atuar no Ensino Fundamental? () Sim () Não

10. Se pudesse mudaria de profissão? () Sim () Não

11. Como se sente ao tratar o tema Sexualidade com os seus alunos?

12.. Diga três palavras que lhe vêm a cabeça quando eu falo SEXO:

13. O que Representa SEXUALIDADE para você? Pode citar ao menos três palavras:

14. Quais os recursos didáticos que utiliza mais frequentemente ao tratar o tema Sexualidade no Ensino Fundamental?

() Fimes () Músicas () Textos () Teatro () Dinâmica de grupo
() Aulas expositivas () Debates () Trabalhos de pesquisa em grupos
() Outro, Especificar: _____

15. Qual a sua proposta para melhorar as aulas sobre sexualidade no Ensino Fundamental?

16. Você acredita que os professores desta Escola estão devidamente preparados para trabalhar com o tema Sexualidade com os alunos do Ensino Fundamental?

() Sim () Não

17. Como se manifestam os alunos quando você trabalha o tema sexualidade nas suas aulas?

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS – ULHT
Departamento de Educação do Curso de Pós-Graduação *Strictu Sensu*
Mestrado em Ciência da Educação

ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Solicito a participação desta Instituição Pública de Ensino na pesquisa sobre Sentimentos e Representações sociais da sexualidade entre professores dos anos finais do Ensino Fundamental.

A mesma está sendo desenvolvida através do Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – PT.

São asseguradas à Instituição respostas a quaisquer perguntas e esclarecimentos de dúvidas acerca do assunto relacionado à pesquisa. Os nomes dos respondentes ficarão em situação de absoluta confidencialidade, visando à preservação da privacidade dos mesmos. As informações coletadas por intermédio de questionários somente serão veiculadas nos meios científicos, sem identificação dos nomes dos participantes, pois serão tratadas em conjunto.

Fica claro que em qualquer momento, tanto os participantes quanto a instituição poderão desistir da pesquisa, sem nenhum prejuízo ou constrangimento.

Simões, PI, ____/____/2015.

Coordenação da Pesquisa

Aluno(a) Pesquisador(a)

Responsável pela Instituição Educativa

Pesquisadora: Ana Dandara da Silveira Carvalho. Contato: E-mail: ana.dandara@hotmail.com

Co Orientadora: Gislene Farias de Oliveira. Contato: (88) 9256-9274. E-mail: gislenefarias@gmail.com

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS – ULHT
Departamento de Educação do Curso de Pós-Graduação *Strictu Sensu*
Mestrado em Ciência da Educação

ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Sentimentos e Representações sociais da sexualidade entre professores dos anos finais do Ensino Fundamental

Pesquisadora Principal: Ana Dandara da Silveira Carvalho

Contato: E-mail: Ana.dandara@hotmail.com

Caro participante:

O Sr.(Sra.) está sendo convidado(a) a colaborar com esta pesquisa, que tem como finalidade conhecer as Representações sociais dos educadores acerca da sexualidade como tema na sala de aula, em Simões - PI. Ao participar deste estudo o Sr.(Sra.) permitirá que o(a) pesquisador(a) proceda a aplicação de um questionário. O Sr.(Sra.) tem liberdade de se recusar a participar em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para V. Sa., ou para a Escola. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do(a) pesquisador(a).

Além de voluntária, sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

1. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o(a) pesquisador(a) e o(a) orientador(a) terão conhecimento dos dados.
2. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa o Sr.(Sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o tema em questão. O(a) pesquisador(a) se compromete a divulgar os resultados obtidos.
3. **Pagamento:** o Sr.(Sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto é necessário que assine este documento. **Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.**

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa, Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e **autorizo** a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

_____, ____/____/____
Local Data